

13-3-12

# REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Setembro de 1925

N.º 9

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Redactor-auxiliar:

Prof. J. Pinto e Silva

Prof. Dr. José Veiga

## SUMMARIO:

*Revista Escolar.*

**LICÇÕES PRATICAS:** 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geographia. 4 — Hygiene. 5 — Anatomia. 6 — Systema metrico. 7 — Zoologia. 8 — Physica. 9 — Botanica. 10 — Cosmographia.

**PEDOLOGIA:** 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — Escala metrica da intelligencia.

**LICÇÕES DE COISAS:** 1 — A perola. 2 — O tomate. 3 — O espelho. 4 — A louça. 5 — Meios de communicação por terra, por mar, pelos rios e pelo ar. 6 — Alfinetes. 7 — Pedra-pomes. 8 — A penna. 9 — Ninhos. 10 — O fio de prumo.

**QUESTÕES CERAES:** 1 — Assistencia á infancia. 2 — Preparação da classe.

**LITTERATURA INFANTIL:** 1 — Felicidade. 2 — Um conselho. 3 — O jardim da vovó. 4 — Eu... 5 — O milho roubado. 6 — O ganso ambicioso. 7 — O que me disse um passarinho. 8 — A casa que elles fizeram. 9 — O que me contou um rio. 10 — Minha terra.

**METHODOLOGIA:** 1 — Processo educativo.

**VULTOS E FACTOS:** 1 — Dr. Vital Brasil.

**MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:** 1 — As estações da vida.

**PAGINA DA CRIANÇA:** 1 — Exercício de raciocinio.

**EDUCAÇÃO PHYSICA:** 1 — Jogos escolares.

**NOTICIAS:** 1 — Arnaldo Barreto.

**SECRETARIA DO INTERIOR:** 1 — Actos diversos.

S. PAULO - Brasil

1925

2c

# REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I || S. PAULO - 1.º de Setembro de 1925 || N.º 9

## A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo — setembro — 1925.

*Dado o character que vimos imprimindo a esta secção, trataremos hoje da "Linguagem" no curso primario.*

*Base sobre a qual se apoia todo o ensino, a "Linguagem" precisa tornar-se um instrumento docil da intelligencia, de modo a poder exprimir, com clareza e exactidão, as idéas e traduzir fielmente os sentimentos. Cumpre, portanto, haver o maximo cuidado na sua cultura, quer sob a fórma oral, quer sob a escrita. E assim encarada, convém observar a relação intima entre essas duas fórmas por que ella se manifesta e, consequentemente, a necessidade de attendel-as no seu ensinamento.*

*Accresce ainda notar que essas fórmas, conjugando-se para a integração da disciplina, reclamam um desenvolvimento quasi que simultaneo, isto é, uma e outra devem obedecer a uma successão immediata.*

*Para tal "desideratum" pôde o mestre recorrer a multiplos e variados processos. Dentre estes, um ha, entretanto, de notavel efficiencia não sómente nas classes adelantadas, como nas mais elementares: — é o processo por COLLABORAÇÃO ORAL.*

*Este processo, quando bem applicado, é o que melhormente se enquadra no ensinamento da "Linguagem". Elle inicia a primeira phase da lição — a phase oral — em que os alumnos convenientemente dirigidos e orientados pelo professor se habituam á correctá expressão verbal e, ao mesmo tempo, habilita-os á boa redacção, que deve constituir a segunda phase.*

Effectivamente, cada alumno de per si, attento ao assumpto — uma descrição, por exemplo, — irá externando suas idéas por meio de sentenças que se coordenem com as do collega precedente, de modo a se concatenarem ellas numa successão logica. E neste trabalho mental em que o mestre vae sempre guiando, orientando e corrigindo, e cada alumno vae acompanhando com toda attenção o desenrolar do assumpto, é obvio que este, em dado momento, poderá sêr exposto, facil e claramente, em seu conjunto.

Do mesmo modo, o alumno, aproveitando-se dos ensinamentos adquiridos no trabalho da COLLABORAÇÃO ORAL, realizará finalmente, e com toda segurança, o seu trabalho complementar, isto é, o trabalho escrito.

Vê-se, portanto, que o ensino da "Linguagem" por COLLABORAÇÃO ORAL da classe, habilita o estudante a pensar, reflectir e, finalmente, a expôr com ordem, logica e correção os seus pensamentos, quer falando, quer escrevendo. Ademais, esse processo offerece ao mestre excellente oportunidade de intensificar o ensino tanto em qualidade como em quantidade, pois ahi o tempo, o horario, é muito bem aproveitado.

Como dissemos acima, a COLLABORAÇÃO ORAL póde sêr applicada ás classes mais elementares, pelo que os alumnos aprendem desde cedo a bem desenvolver os assumptos familiares e simplissimos que lhes são apresentados, ao invés de se occuparem tão sómente em formular sobre elles phrases, ou sentenças isoladas.

A COLLABORAÇÃO ORAL, pois, podendo sêr applicada com exito em qualquer classe primaria, é indiscutivelmente um excellente processo para o ensinamento da "Linguagem": dirige a criança, desde os seus primeiros passos, na aprendizagem methodica dessa materia; educa-lhe a expressão oral e escrita; prepara-a, em summa, para mais tarde poder compôr livremente, com harmonia, coordenação e clareza de idéas.

---



# LIÇÕES PRATICAS

## LINGUAGEM

(CLASSE ADEANTADA)

### DESCRIÇÃO DUM QUADRO

Uma estampa collocada em frente a uma classe desperta logo a curiosidade e o interesse. O estudo de figuras ou de quadros desenvolve o poder da imaginação infantil como nenhum outro exercício de linguagem o pôde conseguir. O estudo de quadros celebres ainda educa o gosto esthetico, despertando o amor pelo bello e ao mesmo tempo familiarizando a infancia com os grandes pintores nacionaes e estrangeiros.

*Alumno.* — Que bom! . . . Vamos vêr figuras!

*Professor.* — Não é de admirar que vocês estejam atraídos pelas figuras. Ellas têm sempre interessado a humanidade. A primeira escrita — os *hieroglyphos* — eram figuras. Nos tumulos dos antigos reis vemos ainda hoje figuras que representam a vida desses homens que viveram ha centenas de annos. Essas figuras, os *hieroglyphos*, representam palavras, e nós podemos usar palavras para representar figuras, quadros, scenas que desejamos que alguém interprete como nós interpretamos, alguma coisa, emfim, que queremos descrever.

Diga-me, Alvaro, todos nós vemos egualmente as coisas?

*A.* — Acho que não.

*A.* — Eu tambem acho que não vemos, assim como não sentimos do mesmo modo.

*P.* — Através de prismas bem differentes os homens vêem um mesmo factó. Por acaso o artista e o sabio vêem na flôr as mesmas qualidades? O caricaturista e o photographo descobrem no individúo os mesmos traços? Por certo que não!

A. — O caricaturista vê o engraçado e o exagera.

P. — Isso mesmo! Assim como ha differentes modos de usar da vista, de observar uma figura, um quadro, ha differentes maneiras de descrever quando falamos ou quando escrevemos. Essa reprodução, por meio de palavras, do que estamos vendo, chama-se *descrição*. Fazer uma descrição é pintar com palavras o que os nossos olhos vêem. A escolha e o uso dessas palavras correspondem á escolha e ao uso que o pintor faz das tintas, dos coloridos.

Supponhamos que estamos no alto duma montanha e de lá olhamos para baixo. O que acha você, Alberto, que veríamos primeiro?

A. — A extensão do valle.

P. — Sim; o valle, para depois notar o que ha nelle plantado, e a um terceiro olhar, talvez, alguns homens plantando.

Si você, Arthur, vir um homem descendo a rua, qual é a primeira coisa que nota?

A. — A altura, o corpo...

P. — Para só depois dum exame mais minucioso, saber de que côr é a sua gravata, si usa óculos ou não etc.

Pois bem; estas coisas que a vista executa, constituem tambem a primeira e importante regra que precisamos observar na descrição, isto é, ir das generalidades ás particularidades. E' preciso ainda que sejamos breves e que não fuja-mos do assumpto...

A. — Mas, a figura, quando é que vamos vê-la?

P. — Agora. (Mostra á classe o quadro.)

A. — Que porção de pretos!

A. — De certo; esta figura é do tempo dos escravos.

A. — Estão todos sentados no chão.

P. — Acha, você, Americo, que estão na cidade?

A. — Não. Estão na cozinha duma fazenda.

P. — Parece com as cozinhas que temos na cidade?

A. — Esta é bem grande.

P. — Que estão fazendo os pretos?

A. — Descascando mandiôca.

A. — Mas não trabalham muito depressa.

P. — Para que será a mandiôca?

A. — E' tanta! Deve sêr para farinha.

P. — Veja então, Arthur, si você reúne o que dissemos.

A. — *Era no tempo da escravidão. Na espaçosa cozinha da fazenda, sentados pelo chão, pretos e pretas vagarosamente preparam mandiôca para farinha.*

P. — Agora, vejamos algumas das particularidades. Para todas não ha tempo.

Que comunicação tem a cozinha com o resto da casa?

A. — Uma porta.

A. — E ao lado esquerdo, uma janella por onde entra bastante luz.

A. — Perto da janella está um preto corpulento, virando alguma coisa.

P. — A manivela duma machina.

A. — E' nessa machina que se rala a mandiôca, não é?

P. — Sim. E perto da porta quem está?

A. — Estão duas pretas e um pretinho, em pé, junto a um tanque.

P. — E' onde a mandiôca é posta de molho.

A. — O moleque não está trabalhando. Está brincando na agua.

P. — Armando vae reunir essas particularidades. Não temos tempo para mais.

A. — *Ao fundo uma porta communica a cozinha com o resto da casa; uma janella aberta, á esquerda, inunda de luz o interior. Junto á janella um preto forte vira a manivela duma simples machina. Num longo coxo, ao fundo, duas pretas remexem a mandiôca, que já está de molho.*

P. — Este quadro que acabámos de vêr e descrever chama-se — *Mandiôca*, e o pintor que tão bem soube interpretar essa scena da nossa vida da roça, é Modesto Brocos.



## ARITHMETICA

Um dos obstaculos a vencer no ensino da Arithmetica, é conseguir que as crianças não usem os dedos para fazer os calculos, especialmente as sommas.

A seguinte especie de jogo fará esquecer os dedos.

*Um quadro com 5 estacas será collocado em frente á classe. Esse quadro terá mais ou menos  $0,^{m}30$  em cada lado, e as estacas serão uma em cada canto e outra no centro. Tambem será preciso uma argóla de  $0,^{m}10$  de diametro, mais ou menos. Os alumnos jogarão á distancia duns dois metros.*

*Supponhamos que a classe esteja aprendendo a contar de 3 em 3. Quando o alumno acertar a argóla numa estaca, marcará um 3; quando acertar em duas estacas lateraes, marcará dois 3; quando acertar na estaca central e numa lateral, marcará tres 3; quando acertar na central e em duas lateraes marcará quatro 3. O jogo poderá finalizar quando todos os alumnos tiverem jogado; quando um partido tiver alcançado dez 3 etc.*

*Divida-se a classe em dois partidos: verde e amarello, por exemplo. No quadro negro far-se-ão dois quadros: um verde, dentro do qual serão marcados os pontos do partido verde, fazendo-se a mesma coisa com o amarello.*

*Professora. — (Tirando a sorte ou escolhendo.) Victor, Vicente, Valerio, Vasco e Valentim são do partido verde; Antonio, Alvaro, Augusto Armando e Arthur são do partido amarello.*

*Vamos começar com você, Victor. Jogue.*

*A. — (Jóga errando.)*

*P. — Marque o seu zero, Victor. Agora, um do partido amarello. Venha, Antonio.*

*A. — (Jóga.) Acertei um 3.*

*P. — Marque no seu quadrado. Venha depressa, Vicente.*

*A. — (Jóga.) Acertei dois 3; são 6.*

*P. — Marque no seu lado. Venha outro amarello. Você, Alvaro.*

A. — (Jóga.) Acertei outro 3. Vou marcar. Agora estamos eguaes.

A. — Por enquanto estamos empatando.

P. — Venha, Valerio.

A. — (Jóga.) Acertei tres 3 duma vez; são 9. (Marca.)

P. — Agora é a vez do Augusto.

A. — (Jóga.) Consegui dois 3. São 6. (Marca.)

P. — Venha, Vasco. Vamos vêr quanto você faz.

A. — (Jóga e não acerta.) Que pena! Quasi fiz 12.

A. — Mas não fez. Marque o seu zero.

P. — Venha, Armando.

A. — O nosso lado ainda não tem zero. (Jóga.) Fiz um 3.

(Marca.)

A. — Estamos eguaes outra vez!

P. — Venha, Valentim, desempatar.

A. — (Jóga.) Ah! Quasi que foi fóra, mas fiz um 3.

(Marca.)

P. — Venha, Arthur.

A. — (Jóga.) Quatro 3! São 12. Que bom! (Marca.)

O resultado obtido poderá sêr marcado:

V.	A.	ou	V.	A.
0	3		0	3
3	3			
3			6	3
3	3			
3	3			
3			9	6
0	3		0	3
3	3			
	3			
	3			
	3		3	12
18	27		18	27

- A. — Victor está dizendo que o partido verde venceu.
- P. — Venha, Victor, fazer as contas do partido verde.
- A. — (Apontando.) Zero mais 6 são 6, e mais 9 são 15, e mais 0 são, 15, e mais 3 são 18.
- P. — Escreva 18 embaixo. Venha, Alvaro, verificar, mas experimente fazer a somma mais depressa.
- A. — (Apontando.) Zero, 6, 15, 15, 18.
- P. — Muito bem! Venha, Arthur, vêr as contas do seu partido.
- A. — Contando depressa?
- P. — Sim, senhor.
- A. — Tres, 6, 12, 15, 27.
- P. — Muito bem, Arthur! Venha, Antonio, fazer os calculos do seu partido, mas contando de 3 em 3.
- A. — 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24 e 27.
- P. — Bravo! Vejamos, Armando, quantos pontos vocês ganharam a mais.
- A. — Ganhámos 9.
- P. — Quantos 3 a mais fizeram vocês? Diga, Augusto.
- A. — Fizemos tres 3 a mais.
- P. — O partido amarello foi o vencedor hoje. Vejamos amanhã.

---

## GEOGRAPHIA

### ESTRADAS DE FERRO

#### III

#### ESTRADA DE FERRO "SOUTHERN SÃO PAULO RAILWAY"

O meio mais facil para aprender Geographia é viajar, pois ninguem que seja observador e intelligente, poderá esquecer os nomes das estradas de ferro percorridas, das cidades por onde passou etc. Na impossibilidade, porém, dé effectuarmos com os

alunos uma verdadeira viagem, fantasiemol-a, servindo-nos de mappas, gravuras e traçados do trajecto feito. E' pratico e interessante. Diverte e instrue as crianças.

*Professor.* — Como vocês são mui comportados e estudiosos, vou leval-os commigo a um novo passeio. Desta vez escolhi uma viagem pela *Estrada de Ferro "Southern São Paulo Railway"*, que, como vocês poderão vêr aqui no mappa, parte da cidade de... quem me diz?

*A.* — Santos.

*P.* — E vae até... vejam no mappa.

*A.* — Até Juquiá.

*P.* — E' uma estrada de grande futuro, pois deverá chegar até á cidade de... Quem sabe me dizer?

*A.* — Iguape?

*P.* — Justamente. Como vocês sabem, Iguape é servida por um bom porto. Qual é mesmo esse porto?

*A.* — Porto de Iguape.

*P.* — Para iniciarmos a nossa viagem pela "*Southern*," temos então, como já viram, de ir a...

*A.* — Santos.

*P.* — Então, nada de demora. Partamos. São quasi dez horas. Daqui a meia hora sairá o trem.

Eis-nos em Santos. Que viagem agradável, não? Todos já conhecem a terra de Braz Cubas e dos Andradas. São quasi duas horas. Tomemos o bonde 3, que nos deixará na estação inicial da "*Southern*".

*A.* — O trem já começa a mover-se. Que bella ponte estou avistando!

*P.* — Aquella ponte lá, é a *ponte pensil*, que fica perto de *S. Vicente*, sobre um braço de mar.

Eis que chegámos na velha e historica cidade de *S. Vicente*.

*A.* — E' muito antiga essa cidade?

*P.* — Muito. Lembram-se por quem foi ella fundada?

*A.* — Eu sei, professor. Foi por Martim Affonso de Souza.

P. — Exactamente. Não tem progredido. E' pouco povoada e possui apenas um grupo-escolar.

Estamos agora passando por outra grande ponte construída sobre um outro braço de mar. Como vocês estão vendo, a viagem é muito agradável.

A. — Deve-se passar por praias, não, professor?

P. — E' assim quasi todo o trajecto. Essas praias, tão alvas e tão extensas, foram palmilhadas pelos bons jesuitas, que nesta zona empregaram todos os seus esforços na catechese dos indigenas. Foi sobre as suas brancas areias que o grande apostolo, o padre José de Anchieta, compôz seu *Poema á Virgem*, que depois decorou. Já parámos em . . . vejamos o mappa.

A. — *Samarta, Manguaguá e Praia Grande.*

P. — Daqui só pararemos agora em . . . Olhem o mappa e digam.

A. — *Itanhaen.*

P. — E' esta uma localidade muito antiga e historica. Sua igreja secular encerra maravilhas preciosas. Ha lá uma pedra, em fórma de pulpito donde, dizem, o padre Anchieta pregava os seus sermões aos indios. De Itanhaen iremos passar por . . . Vão examinando o mappa e falando.

A. — *Peruhyb, Anna Dias, Alecrim, Volta Grande, P. Barros, Prainha, Biguá e Juquiá.*

P. — Sim, e este ultimo é o ponto final da estrada. Esta pequena povoação fica á margem do rio *Juquiá*. Sabem onde desemboca este rio?

A. — Elle é um affluente do rio *Ribeira de Iguape*.

A. — Muito bem! Para não regressarmos pelo mesmo caminho e porque os rios *Juquiá* e *Ribeira* são navegaveis, tomaremos um vaporzinho que nos levará até . . . onde, Plinio?

A. — Até Iguape?

P. — Justamente. Ahi, depois de visitarmos a famosa igreja do Senhor Bom Jesus, o grupo-escolar e as grandes culturas de arroz, feitas pelos japonezes, tomaremos um vapor da *Companhia de Navegação Costeira*, que nos levará até ao ponto donde partimos.

A. — A Santos, não é, professor?

P. — Sim. E depois, José, como haveremos de regressar a S. Paulo?

A. — Pela *Estrada de Ferro* “São Paulo Railway,” ou “*Ingleza*,” ou então, de automovel.

P. — Muito bem, mas enquanto não sáe o vaporzinho, vamos todos traçar no papel, o trajecto percorrido.

---

## HYGIENE

### O ALCOOL

Nas primeiras classes este assumpto póde sêr ensinado por meio de contos, ou historietas.

O uso e o abuso do alcool são questões muito importantes no que respeita á Hygiene.

*Professor.* — Que ajuntamento era aquelle, ali na esquina, Alfredo?

*Alumno.* — Estavam procurando erguer um homem embriagado.

P. — E você ficou presenciando esse triste espetaculo! Não faça mais isso. Devemos ter pena, compaixão, desses infelizes e não procurar augmentar-lhes a infelicidade fazendo dos seus actos inconscientes divertimento publico.

A. — Que seria que elle tomou, que o embebedou assim?

P. — Fôsse vinho, cerveja, agua-ardente, ou *cognac*, o caso é que qualquer dessas bebidas, chamadas *bebidas alcoolicas*, contém *alcool*, que faz mal á saude.

A. — Deve sêr forte o alcool!

P. — Tão forte é o alcool, que si o lançarmos sobre uma planta, sobre um insecto, elles morrerão.

P. — (Mostrando o alcool num pires.) Que côr tem?

A. — E' incolor.

A. — Mas não é inodoro: tem um cheiro bem forte.

*P.* — Vamos deixar este pires e pôr alcool neste outro. (Risca um phosphoro e leva a chamma ao liquido.)

*A.* — Como queima!

*A.* — A chamma é bem azul.

*A.* — O alcool do outro pires está desaparecendo.

*P.* — Está se evaporando. (Pingando um pouco de alcool na mão e cobrindo-o com um dedal.) Olhem como ficou a minha mão!

*A.* — A pelle ficou toda irritada e inflammada!

*P.* — No estomago, que é forrado duma membrana mucosa muito mais sensivel que a pelle, o effeito é ainda peór. (Põe alcool sobre clara de ovo.)

*A.* — Como ficou exquisito!

*P.* — A clara de óvos é substancia albuminosa. O cerebro contém muito dessa substancia. Além disso, grande parte dos nossos alimentos contém albumina. O alcool tem sob toda essa albumina o mesmo effeito que tem sobre a clara de ovo. Ainda affecta poderosamente o funcionamento dos rins e do figado; a circulação e a temperatura do corpo. Esse é o mal que faz ao corpo, ao physico. Ao moral, nem é bom falar! Quantos crimes não se evitariam, si não fôsse o alcool!

*A.* — Mas, ás vezes o alcool é preciso, não é?

*P.* — O alcool póde sêr benefico em certos casos; nunca porém se deve usal-o, sinão como medicamento.

*A.* — Nem com o frio?

*P.* — Ahi é que está o seu grande perigo, porquanto póde viciar o homem. O alcool excita os nervos, enfraquece os musculos, a mente, até que acaba reduzindo o individuo a um sêr inconsciente.

*A.* — E' quasi um veneno.

*P.* — Quasi, não! E' veneno, e veneno terrivel á saude, á intelligencia e á dignidade do homem.



## ANATOMIA

## ESTUDO MUITO SIMPLES DO ESQUELETO

Esta lição offerecerá oportunidade para o professor explicar porque insiste na posição das crianças nas carteiras. Ensinará como a carteira alta ou baixa de mais produzirá curvaturas e desvios na columna vertebral. Poderá chamar a attenção para o vestuario e o calçado: apertados, comprimem os ossos, prejudicando não só o seu crescimento como o dos orgams por estes protegidos.

*Professor.* — Quando se trata de construir uma casa, Antonio, qual é a primeira coisa que o constructor faz, para que a casa fique bem edificada?

*Alumno.* — Faz os alicerces bem feitos.

*P.* — Sim, os alicerces e as paredes precisam sêr bem fortes. São elles que supportam e dão fôrma ao resto da casa. E' o que acontece com o nosso corpo: é sustentado e recebe a sua fôrma pelo esqueleto.

*A.* — Mas, as paredes não se movem como os nossos ossos!

*P.* — O nosso esqueleto é formado de ossos ligados por articulações que nos permitem as flexões, os movimentos.

*A.* — De que são feitos os ossos?

*P.* — Substancias diversas são encontradas nos ossos. A terça parte do seu peso é composta duma substancia chamada *osseina*; os outros dois terços são substancias mineraes, principalmente *phosphatos* e *carbonatos de calcio*. As substancias mineraes dão firmeza, solidez aos ossos; ao passo que a parte organica dá elasticidade e resistencia. Si puzermos um osso ao fogo durante horas, que acontecerá Armando?

*A.* — O osso conserva a fôrma, mas quebra-se com facilidade.

*P.* — A osseina foi consumida pelo fogo.

*A.* — Ficam as substancias mineraes.

*P.* — Certos acidos fazem desaparecer as substancias mineraes. Fica então só a materia organica transparente e elastica. E' assim que se obtem a gelatina.

A. — Porque dizem que os ossos das crianças se concentram mais depressa do que os dos velhos?

P. — E' porque, quando novos, os ossos têm mais osseína do que quando velhos... Vocês devem sempre conservar-se bem direitinhos nas carteiras. Má posição na classe pôde produzir curvatura na espinha. Sabem o que acontece tambem com as crianças que usam sapatos apertados? Os ossos deixam de desenvolver-se como deveriam.

A. — (Olhando para um esqueleto.) Os ossos do esqueleto são bem differentes.

P. — Variam muito em tamanho e fórma. Alguns são chatos; outros, longos e finos; outros, curtos. São especialmente apropriados aos logares que occupam no esqueleto. Alguns são destinados a proteger orgãos importantes; outros, a dar fórma e força aos membros. (Mostrando um córte transversal dum osso longo.) Aqui está um osso longo cortado no sentido transversal. O que nota, você, Arthur?

A. — E' ôco.

P. — Sim, quasi que em toda a extensão, sendo o espaço interior, chamado *canal medullar*, occupado por uma substancia gordurosa que é a *medulla*, o tutano.

A. — Porque será que os ossos não são massiços?

P. — Alguns o são. Mas, si todos os ossos fossem massiços, augmentariam muito o peso que temos que carregar.

A. — Mas, nas pontas esses ossos são massiços.

P. — São um tanto esponjosos. Quando os ossos estão bem sadios, são dum branco roseo.

A. — Porque têm elles esse tom roseo?

P. — Por causa dos innumerados vasos sanguineos que os atravessam levando-lhes o necessario para sua boa conservação. Ao redór dos ossos ha uma membrana resistente chamada *periosteo*. E' elastica e desempenha importante papel no crescimento dos ossos. Em outras lições aprenderemos muito mais sobre o nosso esqueleto. Lembremo-nos que recebemos um esqueleto perfeitamente adequado a equilibrar o nosso corpo, a lhe dar força e liberdade de movimentos. E' nosso dever cuidar delle, conservando-lhe essas propriedades.

---

## SYSTEMA—METRICO

## O METRO

O ensino das medidas metricas não mais deve sêr um enfileirado de tabellas abstractas. Póde-se e deve-se apresental-o de modo a interessar a classe.

Qual é a criança que não gosta de *brincar de loja*? A sua natural actividade tem occasião de manifestar-se. Medindo e pesando, os alumnos aprenderão com facilidade e efficiencia.

(*Sobre a mesa fitas, barbantes, cadarços, rendas, alguns metros de fazenda barata etc., etc; um metro de madeira e tantos cadarços cortados do comprimento dum metro, quantos forem os alumnos.*)

*Professora.* — Vou abrir uma loja, uma loja bem sortida. Vejam: tenho rendas e fitas bonitas. Vendo barato e meço bem. Quem quer comprar?

*A.* — Eu quero 2 metros dessa fita.

*P.* — (Mede e dá.) Aqui está.

*A.* — E eu, 3 metros de cadarço.

*P.* — (Mede e dá, continuando até que todos tenham comprado.) Eis o cadarço.

Quero vender a minha loja. Quem quer agora, sêr o dono da loja?

*A.* — Eu quero.

*A.* — Ah! Eu queria!

*P.* — Todos, não póde sêr. Venha você, Arnaldo. Eu quero comprar desta fazenda.

*A.* — Quanto?

*P.* — . . . . .

*A.* — A senhora precisa dizer quanto quer.

*P.* — Não sei quanto. Quero tambem daquella renda.

*A.* — Quanto? . . . Porque a senhora não diz quanto quer?

Sem saber quantos metros quer, eu não posso lhe vender.

*P.* — Arnaldo tem razão. Vêem vocês, então, porque é que temos esta medida.

*A.* — Esse metro, não é?

*P.* — Justamente.

*A.* — Para que os homens da loja saibam quanto precisamos.

*P.* — Quando a mamãe quer fazer um vestido para sua irmãzinha, um terno para um de vocês; lençóis, fronhas etc., antes de ir á loja, o que faz ella?

*A.* — Mede para vêr quanta fazenda precisa.

*A.* — A's vezes compra um pouquinho mais, para ter certeza que chegue.

*P.* — Queremos uma fazenda para fazer uma cortina para aquella janella. Vá Arthur á loja, comprar.

*A.* — Não posso.

*P.* — Porque?

*A.* — Primeiro preciso saber de quanta fazenda preciso, quanta fazenda vou comprar.

*P.* — E como é que você póde saber quanto precisa?

*A.* — Medindo.

*P.* — Com o que vae medir?

*A.* — Com esse metro.

*P.* — Com esse ou com qualquer outro. Uma vez que sejam metros têm a mesmissima medida; são bem eguaes.

Meça então quanto precisamos para a cortina.

*A.* — (Mede.) Quasi 2 metros.

*A.* — E' bom comprar 2 metros por causa das bainhas.

*P.* — Bem pensado!... Si a fazenda tiver bastante largura, bastam dois metros.

*A.* — E si fôr estreita serão precisos quatro metros.

*P.* — Quero mandar pregar uma moldura para pendurar quadros, ao redór de toda a nossa sala. Augusto, você conhece um marceneiro que nos faça esse serviço?

*A.* — Conheço, sim, senhora.

*P.* — Então, faça o favor de encarregal-o disso.

*A.* — Preciso medir para saber quanta moldura devo encaminhar.

*P.* — Então, meça.

*A.* — (Medindo.) Para a sala toda serão precisos 60 metros.

*P.* — Como soube?

*A.* — Medindo.

*P.* — Então é o metro quem nos diz *o quanto*.

(Outras muitas medições poderão sêr feitas, as primeiras para frizar a necessidade da medida, depois outras para avaliar os comprimentos.)

---

## ZOOLOGIA

### RAÇAS HUMANAS

(RECORDAÇÃO)

Devendo sêr o ensino muito pratico, para recordar a aula em questão, o professor usará de gravuras.

*Professor.* — Direitinhos e attentos! Todos já sabem que o homem é um animal... Que especie de animal é o homem?

*Alumnos.* — Mammifero.

*P.* — Sabem tambem a que ordem pertence o homem?

*A.* — A' dos bimanos.

*P.* — Que é um animal bimano, Nôe?

*A.* — E' o animal que tem duas mãos.

*P.* — Todos os homens têm a mesma côr, Jayr?

*A.* — Não, senhor. Ha homens brancos; ha pretos, mulatos, amarellos, vermelhos, morenos...

*P.* — Muito bem. Mas os homens só differem uns dos outros, na côr, Vinicius?

*A.* — Não, senhor. O rosto, os cabellos, a barba, os olhos, o nariz, a boca etc., não são eguaes em todos os homens.

*P.* — Perfeitamente. Os homens, por não serem parecidos uns com os outros, conforme vocês já notaram, estão divididos

em quatro grandes grupos chamados *raças*. De modo que vocês já ficam sabendo que nós temos sobre a terra quatro raças humanas, que são: *raça branca* ou *caucasica*, *amarella* ou *mongolica*, *negra* ou *africana* e *vermelha* ou *americana*.

Aqui, neste quadro, vocês verão quatro homens, representando as quatro raças. Vejamos o homem branco que representa ... que raça mesmo?

A. — A branca ou caucasica.

P. — Você, Alvaro, faça-me a descrição do homem branco.

A. — A raça branca tem o rosto oval, nariz pequeno, labios finos, pelle branca ...

P. — Ou, então, levemente morena.

A. — Os cabellos são pretos, lisos ...

P. — Pódem também sêr louros, castanhos e ondulados, não é assim? Continue.

A. — Barba forte e desenvolvida ...

P. — Que poderá sêr ... de que côr?

A. — Preta, loura e castanha. Olhos pretos ...

P. — Ou então?

A. — Azues, esverdeados, e castanhos.

P. — Muito bem; sente-se. A raça branca é muito intelligente e a ella pertencem os póvos da Europa, menos os hungaros e laponios; os da Asia Occidental e Africa do Norte. Vejamos a raça amarella. Faça-me a descrição do homem amarello, Paulo.

A. — A raça amarella ou mongolica tem a face achatada, maçãs do rosto salientes, olhos estreitos e obliquos, pouca barba, cabello preto e liso, nariz chato, pelle amarellada ...

P. — Ou côr de azeitona. A ella, pertencem os japonezes, chinezes, laponios e esquimãos. Sente-se, Paulo. Você, Walter, vae descrever-me a raça negra ou africana.

A. — A raça negra tem a pelle preta, nariz largo e chato, labios grossos, cabellos curtos e encarapinhados.

P. — Muito hem! E' a raça dos póvos da Africa Central e do Sul. Você, Luiz, vae descrever-me o homem vermelho.

*A.* — A raça vermelha ou americana tem a pelle vermelha...

*P.* — Côr de cobre.

*A.* — ...olhos um pouco obliquos, maçãs do rosto um pouco salientes, barba rara e cabellos longos, pretos e muito lisos.

*P.* — Perfeitamente. Póde sentar-se. A ella pertencem todos os selvagens da America.

Creio que todos aprenderam hoje a distinguir bem os homens pelas raças, não é assim? Na proxima aula, quero vêr quem prestou mais attenção ás explicações.

---

## PHYSICA

### BAROMETROS E SEUS USOS

Na escola primaria as noções de Physica devem ser ensinadas como divertimento, de modo a prender e desenvolver a attenção das crianças. Os phenomenos pódem sêr assimilados por espiritos ainda tenros, quando factos simples e de manifestações communs forem bem observados e explicados.

A parte da Physica que a criança observa e de que se utiliza na vida pratica lhe interessará especialmente.

*Alumno.* — Como eu gostaria de saber si vae chover amanhã!

*Professor.* — E' facil. Ha um instrumento que nos conta que especie de tempo vamos ter. Nem sempre o faz com absoluta certeza, pois as causas da variação atmospherica são muito complicadas.

*A.* — Mas, como é que um instrumento póde saber si vae chover ou não?

*P.* — Muito facilmente.

*A.* — Explique-nos, faça o favor.

P. — Não só sabe as variações do tempo, como também a altitude a que estamos etc.

A. — Cada vez entendo menos!

P. — Pascal, sabio francez, tomou o instrumento de Torricelli, que vocês já estudaram na aula passada, e subiu com elle a uma alta montanha.

A. — Ah! . . . O senhor já nos ensinou que Torricelli foi o physico italiano que descobriu o meio de avaliar a pressão atmospherica.

A. — Porque levou Pascal o instrumento lá emcima?

P. — Tenha paciencia, que você verá para o que foi. Notou Pascal que quanto mais subia a montanha, mais baixo era o nivel do mercurio da cuba. Desceu a montanha observando o mercurio, e viu que novamente o nivel subia.

A. — Porque?

P. — A razão é simples. Quanto *mais alto* estamos, menos ar temos acima de nós; portanto, *menos peso*, consequentemente, *menos pressão*.

A. — Posso dizer o resto?

P. — Póde; quero vêr si me entendeu.

A. — Quanto mais *embaixo* estamos, mais ar acima de nós, *mais peso e maior pressão*.

P. — Justamente. Muito bem! Si pudessemos chegar ao limite da atmospherica, qual seria a altura da columna?

A. — De certo não haveria pressão.

P. — Seria nulla.

A pressão atmospherica tem grande influencia em decidir as variações do tempo; mas o bom e o mau tempo não dependem unicamente da maior ou menor densidade da atmospherica.

A. — Mas, como é que a pressão atmospherica regula a chuva?

P. — Si num logar qualquer a pressão atmospherica é muito alta, não haverá perturbação; mas, si a pressão é muito baixa, para ahi virá correndo o ar dos logares vizinhos onde a pressão é mais alta. Esse ar em movimento é o vento, e vento quasi sempre significa chuva.

A. — E como se chama o instrumento?

P. — Chama-se barometro: *baros*, peso e *metron*, medida.

A. — Medida do peso.

P. — O barometro commum, que vemos aqui, é simplesmente o instrumento de Torricelli, um pouco modificado. Este é o *barometro de cuba*. Esta escala, aqui (mostrando) ao lado do tubo, sobre a placa, é a medida da altura barometrica.

A. — Ha outros barometros?

P. — Sim; varias especies. Vamos desenhar um chamado *barometro de mostrador*. Faça você, Alvaro, uma circumferencia.

A. — A circumferencia é o mostrador?

P. — Sim... Divida essa circumferencia em sete partes, marcando *variavel* bem em cima. Seguindo á direita, marque nas outras divisões: *bom*, *fixo*, *secco*, *tempestade*, *muita chuva*, e *chuva*.

Bem no centro vamos desenhar um ponteiro, que é movel, já se sabe. Este é um lado do barometro. Agora, vejamos atraz.

A. — Vamos vêr o mecanismo; vamos conhecer o que é que faz o ponteiro girar.

P. — Obtem-se o movimento do ponteiro indicador, do seguinte modo. (Mostrando o desenho dum *barometro-syphão*.) Na extremidade livre do tubo ha um peso, geralmente de marfim, chamado *fluctuador*. Este fio preso ao *fluctuador* enrola-se nesta roldana. Aqui, na outra extremidade do fio, ha um peso. Ao eixo da roldana está fixo o ponteiro do mostrador. A' medida que o mercurio sobe ou desce...

A. — Com a pressão atmospherica? Conforme o ar pesa mais ou menos?

P. — ... isso mesmo. O *fluctuador* eleva-se ou abaixa-se girando a roldana e fazendo o ponteiro percorrer o mostrador.

O barometro *aneroide* ou *metallico* não tem mercurio.

A. — Que liquido tem?

P. — Nenhum. E' simplesmente uma caixa metallica redonda e chata da qual se extrahiu o ar. As paredes, bem fechadas, comprimem-se quando a pressão atmospherica augmenta e expandem-se quando essa pressão diminue. Esses barometros não são tão exactos como os de mercurio.



## BOTANICA

## A RAIZ

Tanto quanto possível, a lição de Botânica pôde sêr dada no recreio ou no jardim do estabelecimento.

Seria um meio facil para a criança observar de perto aquillo que aprende. E' já por demais sabido que o ensino ministrado praticamente é o que melhor resultado alcança.

*Professor.* — Jonas, arranque este capimzinho que cresce á beira do canteiro.

Sabe como se chama a parte que sahiu com terra?

*A.* — E' a raiz.

*P.* — Quem sabe o nome desta partezinha que fica entre a raiz e o caule?

*A.* — Que é caule?

*P.* — Pensei que já o soubesse, pois já lhe ensinei. Neste capimzinho, o caule é este pequeno pedaço.

*A.* — Ah! ... Já sei: é a parte que cresce acima da terra.

*P.* — Muito bem. Mas, vejamos o que eu tinha perguntado. A parte entre a raiz e o caule chama-se?

*A.* — (? ...)

*P.* — *Cóllo.* Não se esqueçam! Como se apresenta esta raizinha?

*A.* — Está cheia de fiozinhos.

*P.* — Vejamos a raiz deste pé de feijão, que o jardineiro deixou crescer.

*A.* — E' uma raiz direitinha.

*P.* — Vocês já viram a cenoura, a beterraba, o nabo, o rabanete?

*A.* — Já, sim, senhor.

*P.* — Bem, todos conhecem essas raizes. Que acham parecido nessas raizes?

*A.* — Uma é mais grossa, outra é mais comprida, mas todas têm pequeninas raizes saindo da parte mais desenvolvida.

*P.* — São as raizes secundarias.

Já repararam no pé de milho? Que notaram junto da raiz?

A. — Uma porção de dedinhos que saindo do caule procuram o chão.

A. — O mesmo a gente vê nas palmeiras e nos coqueiros.

P. — Muito bem. Pois esses dedinhos nada mais são do que raízes.

A. — Sem entrarem na terra!

P. — Justamente, e chamam-se *raízes adventícias*.

A. — E a raiz da beterraba que nome tem?

P. — Chama-se *raiz pivotante*.

A. — A do capimzinho também tem nome especial?

P. — Tem, sim; chama-se *raiz fibrosa*.

Vocês sabem para que presta a raiz, á propria planta?

A. — Para prendel-a na terra.

P. — Só para isso?

A. — Para nos servir de alimento.

P. — Sim, mas, por emquanto, eu quero saber para que mais serve a raiz, á planta?

A. — (?)

P. — Vocês já plantaram alguma flôr, uma palmeirinha num vaso? Que fizeram depois de plantada? Deixaram-n-a ao sol e...

A. — Era preciso regal-a todos os dias.

P. — ... para que?

A. — Para não seccar, não morrer.

P. — Quem chupava a agua do vaso, para a planta não morrer?

A. — Era a raiz. Ah! ... já sei. A raiz alimenta a planta chupando agua da terra.

P. — Bem. A raiz absorve a agua com os elementos necesarios para a planta. Agora, contem-me a utilidade das raízes para o homem.

A. — Servem para remedio.

A. — Para nosso alimento.

P. — São capazes de me dar exemplos de raízes alimenticias?

A. — O nabo.

*A.* — A cenoura.

*A.* — A beterraba.

*P.* — E medicinaes?

*A.* — A jalapa.

*A.* — A poaia.

*P.* — Diz-se tambem ipecacuanha.

Não conhecem a araruta?

*A.* — Dá um polvilho que serve para fazer mingãos, doces, biscoitos etc.

*P.* — E a ruiva?

*A.* — Para que serve?

*P.* — Dá uma bella tinta vermelha.

*A.* — Então, essa raiz serve na industria, não é?

*P.* — Você disse muito bem. Servem então as raizes... digam.

*A.* — Para alimento.

*A.* — Para a medicina.

*A.* — Para a industria.

---

## COSMOGRAPHIA

### A LUA

O professor, dias antes desta lição, convidará, ou melhor, incitará seus alumnos a notarem tudo quanto puderem observar a respeito desse astro.

E' digno de reparo o interesse que desperta uma observação qualquer, para sêr desenvolvida em classe.

*Alumno.* — O senhor quer que eu acabe de traçar essas circumferencias no quadro-negro?

*Professor.* — Obrigado, vou já acabal-as.

*A.* — E' para fazermos o mesmo no nosso caderno de Geometria?

*P.* — Não, ainda mais que não se trata de lição de Geometria.

A. — Para que servirão essas circumferencias pequenas, ao redór dessa maior?

P. — Para um estudo novo.

A. — Sobre o que?

P. — Vamos estudar a lua.

A. — Ah! eu olhei-a bem á noite. Porque será que ella é branca?

A. — Porque muda de fórma?

A. — Hontem ella parecia uma bóla de prata.

A. — Sim, mas uma outra noite tinha a fórma dum C de fórma.

A. — Eu achei-a parecida com um arco.

A. — Pois eu apenas a vi como um risquinho.

P. — Vamos devagar. A luz branca da lua indica que ella não tem luz propria.

A. — De quem, então, recebe a luz?

P. — Do sol... E a fórma real da lua, qual será?

A. — Redonda. Embora appareça uma parte mais apagada, a gente olhando bem, percebe o resto como uma mancha.

P. — Muito bem. Os aspectos da lua chamam-se *phases*. E foi para explicar as *phases* da lua, que eu tracei as circumferencias no quadro-negro. Esta, sósinha, aqui ao longe, representa o *sol*; esta, no meio da grande, é a *terra*; e as pequeninas, emcima da grande circumferencia, representam a *lua*.

A. — Porque fez o senhor quatro luas? Não ha só uma?

P. — Sim; foi para marcar os logares differentes em que ella se acha.

A. — Então, a lua gira ao redór da terra?

P. — Sim, e leva 29 dias e meio para voltar ao mesmo ponto.

A. — Ella é maior ou menor que a terra?

P. — E' bem menor: 49 vezes menor que o nosso globo.

Afirmam que na lua não existe ar nem agua, e por isso ella não é habitada.

A. — Eu tinha vontade de ir vêr a lua de perto.

P. — Tratemos das suas *phases* que são quatro. Quando a lua apparece como uma bóla, é a *lua cheia*; a terra está

entre o sol e ella, que recebendo toda a luz do sol se nos apresenta inteira e brilhante.

E' *lua nova*, quando fica entre a terra e o sol, e é por isso apenas illuminada numa parte. Vejam, aqui no quadro-negro, o que lhes explico.

Afinal, é *quarto minguante* neste ponto, e *quarto crescente* deste outro lado.

A. — Mas, a lua nos engana: quando é *quarto minguante* apresenta um C, como a dizer que *crece*, não?

A. — Eu ouvi papae dizer um dia que na lua ha montanhas.

P. — Sim. Com o *telescopio* — instrumento destinado a examinar os corpos celestes, descobriram que na superficie da lua se elevam altissimas montanhas. Verificaram tambem haver nella valles immensos, bacias semelhantes ás dos nossos lagos e mares, porem sem agua.

Alguns ainda affirmam haver vulcões na lua, indicados por pontos luminosos que apparecem em certos momentos, brilham e depois desaparecem.

A. — Que pena, não podermos visitar a lua!

P. — Aqui, na terra ha muita coisa para estudar, e eu os convido para na proxima semana me contarem tudo quanto nella virem e observarem.



---

# PEDOLOGIA

## A IMAGINAÇÃO E SUAS VARIEDADES NA CRIANÇA

(F. QUEIRAT. — Trad.)

### CAPITULO IV

#### O TYPO VISUAL

(Continuação)

Horacio Vernet e Gustavo Doré possuíam, parece, essa faculdade de reproduzir um retrato de memoria. “Abercombie cita um pintor que, de memoria, e sem auxilio de nenhuma gravura, copiou um *Martyrio de S. Pedro*, de Rubens, imitando tão bem, que collocados um ao lado do outro, era preciso uma attenção especial para distinguir a copia do original.” (Taine.) “Claudio Lorrain passava dias inteiros nos campos de Roma, *sem pintar, sem desenhar segundo a natureza*. Sómente respirava o ar, impregnava-se dessa luz quente. Com uma sagacidade original observava e seguia as gradações, principalmente de manhã ou ao descambar do dia. De regresso á sua officina retraçava, *de memoria*, essas impressões da natureza.” — O pintor hollandez Bamboche procedia do mesmo modo e entretanto, “embora pouco pintasse deante da natureza, diz M. Alf. Michiels, seus fundos, suas personagens e seus animaes são duma verdade extraordinaria.”

Com que brilho esta faculdade de representação mental é descrita nestas linhas dum joven pintor, morto depois como soldado e que das margens da Africa escrevia: “Creio, Deus me perdoe, que o sol a nos illuminar aqui não é o mesmo; vejo de longe, com receio, o momento em que me será preciso contemplar na Europa o aspecto triste das casas e das multidões...

Antes de regressar, quero fazer reviver os verdadeiros Mouros, ricos e grandes, terriveis e voluptuosos, ao mesmo tem-

po; depois Tunis, o Egypto e afinal a India! . . . Irei de enthusiasmo em enthusiasmo; embriagar-me-ei com essas maravilhas, até que allucinado possa recair no nosso mundo morno e banal, *sem temer que meus olhos percam a luz bebida em dois ou tres annos*. Quando regressar a Paris, e *quizer vêr claro, bastar-me-á fechar os olhos*; e então, Mouros, Fellahs, Indús, colossos de granito, elephantes de marmore branco, palacios encantados, planicies douradas, lagos azulados, cidades de diamantes, *todo o Oriente me apparecerá novamente*. Oh! que embriaguez a luz!”

“Este phenomeno de visão retrospectiva,” como diz George Sand (*Les charmettes*) não é particular aos pintores. “Podemos quasi nos orgulhar, diz essa mulher illustre, de levar connosco um sitio, um lugar que atravessamos, onde nossos passos nunca mais nos reconduzirão, mas que nos agrada e do qual resolvemos nunca mais nos esquecer. Si guardamos uma flôr, um pedregulho, um vellozinho apanhado numa moita do caminho, estes objectos insignificantes terão a magia de evocar o quadro que nos encantou. . . Nunca olhei certos musgos em meu herbario, sem me achar debaixo dos carvalhos de Frascati. Uma pedrinha me faz revêr a montanha donde a houve e *revêl-a com todas as suas particularidades*, de alto a baixo. A corriola me faz lembrar uma paizagem terrivel da Hespanha da qual não sei o nome nem o lugar, mas onde passei com minha mãe quando tinha quatro annos.”

Falando de Alexandre Dumas, pae, Mme. de Girardin (*Cartas parisienses*) escrevia em 1847: “Guardou em seus olhos todas as imagens que a pupilla reflectira.” “Honorato de Balzac, diz Th. Gautier, não só se lembrava dos objectos, quando tinha vontade, mas ainda *os revia claros e coloridos como si fossem no momento exacto em que os vira*.”

(Continúa.)

---

## ESCALA-MÉTRICA DA INTELLIGENCIA

Para os que se dedicam á cultura da infancia é de grande importancia o saber avaliar o gráo de desenvolvimento intellectual das crianças, sua normalidade, ou anormalidade, por meio de *tests*, isto é, provas experimentaes adaptadas á idade de cada *sujeito* a ellas submettido.

Apresentamos, pois, o seguinte quadro onde, a par da "*Escala-metrica de Binet-Simon*" — o primeiro trabalho que appareceu no genero — vêm outras duas, sendo uma por Medeiros de Albuquerque, no seu livro "*Tests*" e outra por Faria de Vasconcellos nas suas "*Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental*."

A' obsequiosidade do Dr. Carlos da Silveira, illustrado lente de Pedagogia na Escola Normal da Praça da Republica, devemos a organização da presente tabella, pelo que, nossos agradecimentos.

ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TESTS estão conforme se vê no livro de Binet — "Les idé-s modernes sur les enfants".	ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albuquerque, em seu livro — "Tests".	ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a exposição de Faria de Vasconcellos, em seu livro — "Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental".
<p>3 MEZES. — Ter um olhar voluntario.</p> <p>9 MEZES. — Prestar attenção ao som. Pegar um objecto após contacto ou após percepção visual.</p> <p>1 ANNO. — Discernir os alimentos.</p> <p>2 ANNOS. — Andar. Desempenhar um encargo. Indicar as necessidades naturaes.</p> <p>3 ANNOS. — Mostrar o nariz, os olhos, a boca. Repetir dois algarismos. Enumerar as personagens e objectos duma gravura. Dar o nome da familia. Repetir seis syllabas.</p>	<p>3 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apontar o nariz, os olhos, a boca.</li> <li>2. Repetir grupos de dois numeros digitos.</li> <li>3. Enumerar os objectos que se vêem num quadro.</li> <li>4. Dizer o seu nome de familia.</li> <li>5. Repetir uma phrase de seis syllabas.</li> </ol>	<p>3 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Mostrar o nariz, os olhos, a boca.</li> <li>2. Repetir phrases de seis syllabas.</li> <li>3. Repetir algarismos.</li> <li>4. Apresentação duma gravura.</li> <li>5. Nome da familia.</li> </ol>

ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TESTS estão conforme se vê no livro de Binet — "Les idé's modernes sur les enfants".	ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albuquerque no seu livro — "Tests".	ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a exposição de Faria de Vascellos, em seu livro — "Lições de Pedagogia e Pedagogia Experimental".
4 ANNOS. — Dar o sexo. Dizer o nome duma chave, uma faca, um <i>sou</i> . Repetir tres algarismos. Comparar duas linhas e indicar a mais comprida.	4 ANNOS: 1. Dizer o seu sexo. 2. Dizer o nome duma chave, um canivete, uma moeda corrente. 3. Repetir tres numeros digitos. 4. Comparar o tamanho de duas linhas.	4 ANNOS: 1. Sexo da criança. 2. Nomear objectos familiares. 3. Repetição de algarismos. 4. Comparação de duas linhas.
5 ANNOS. — Comparar duas caixas de peso diferente e indicar a mais pesada. Copiar um quadrado. Repetir uma phrase de dez syllabas. Contar quatro <i>sous</i> simples. Recompôr um jogo de paciência formado de dois pedaços.	5 ANNOS: 1. Comparar os pesos de duas caixas em tudo o mais eguaes. 2. Copiar um quadrado. 3. Repetir uma phrase de dez syllabas. 4. Contar quatro moedas. 5. Unir a metade dum rectangulo bi-partido.	5 ANNOS: 1. Comparação de dois pesos. 2. Cópia dum quadrado, com uma penna. 3. Repetição duma phrase de 16 syllabas. 4. Jogo de paciência (reconstituição dum rectangulo.) 5. Contar quatro vintens.
6 ANNOS. — Distinguir a mão direita e a orelha esquerda. Repetir uma phrase de dezesseis syllabas. Fazer uma comparação de esthetica. Definir objectos familiares, pelo uso. Desempenhar tres encargos. Dizer a idade. Distinguir a manhã e a tarde.	6 ANNOS: 1. Distinção entre a manhã e a tarde. 2. Definir palavras familiares pelo seu uso. 3. Copiar um rectangulo. 4. Contar treze moedas. 5. Distinguir rostos bonitos e feios.	6 ANNOS: 1. Mão direita, orelha esquerda. 2. Repetição de phrases (16 palavras.) 3. Comparar duas figuras sob o ponto de vista esthetico (6 cabeças de mulher.) 4. Definições de objectos conhecidos. 5. Execução de tres recados quaesquer, simultaneamente. 6. Idade (quantos annos tem.) 7. Distinção entre a manhã e a tarde.
7 ANNOS. — Indicar lacunas de figuras. Dar o numero dos dias. Copiar uma phrase escrita. Copiar um losango. Repetir cinco algarismos. Descrever uma gravura. Contar treze <i>sous</i> simples. Dar os nomes de quatro especies de moeda.	7 ANNOS: 1. Mostrar a mão direita e a orelha esquerda. 2. Descrever um quadro. 3. Executar tres ordens dadas ao mesmo tempo. 4. Contar o valor de seis <i>sous</i> , dos quaes dois duplos. 5. Reconhecer as quatro cores principaes.	7 ANNOS: 1. Preencher lacunas de figuras (4 figuras a que faltam olhos, nariz, bocca, braços.) 2. Numero de dedos. 3. Cópia, a penna, dum modelo escrito (3 palavras). 4. Cópia dum losango. 5. Repetição de cinco algarismos. 6. Contar 13 vintens simples. 7. Nomear quatro especies de moedas usuas.
8 ANNOS. — Fazer uma leitura* e della conservar duas lembranças. Contar tres <i>sous</i> simples e tres duplos e dar o total. Dar o nome de quatro cores. Contar de 20 a 0, descendo. Com-	8 ANNOS: 1. Comparar, de memoria, dois objectos. 2. Contar de 20 até 0. 3. Notar omissões em figuras. 4. Dar o dia da semana e do mez.	8 ANNOS: 1. Leitura dum acontecimento, com conservação de 2 lembranças.*

\* 45 palavras.

\* Notar o tempo gasto na leitura e si esta é soletrada, syllabada, hesitante, correute, expressiva.

ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TESTS estão con- forme se vê no livro de Binet — "Les idéés mo- dernes sur les enfants".	ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albu- querque no seu livro — "Tests".	ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a expo- sição de Faria de Vascon- cellos em seu livro — "Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental".
<p>parar dois objectos de lem- brança. ** Escrever sob di- tado.</p>	<p>5. Repetir cinco numeros digitos.</p>	<p>2. Contar nove vintens (3 simples, 3 dobrados.) 3. Nomeação de 4 côres. 4. Contar, ás avessas, de 20 a 0. 5. Escrita ditada. 6. Comparar dois objectos, de lembrança.</p>
<p>9 ANNOS. — Dar a data com- pleta do dia. Indicar os dias da semana. Definir, melhor do que pelo uso. Fazer uma leitura e della conservar seis lembranças. Dar o troco de vinte sous. Dispôr cinco caixas segundo o peso dellas. ***</p>	<p>9 ANNOS: 1. Dar o troco de 20 sous. 2. Definir, sem sêr pelo uso, palavras familiares. 3. Reconhecer todas as moe- das correntes. 4. Dizer os nomes dos me- zes em ordem. 5. Responder facilmente a um certo numero de per- guntas praticas.</p>	<p>9 ANNOS: 1. Conhecimento da data do dia. 2. Dias da semana. 3. Voltar o troco de um cru- zado. 4. Definições superiores ao uso. 5. Disposições de peso em ordem decrescente (3, 6, 9, 12, 15 grammas.)</p>
<p>10 ANNOS. — Enumerar os mezes do anno. Reconhe- cer as nove peças de nossa moeda. **** Compôr duas phrases nas quaes se achem tres palavras dadas. Res- ponder a oito perguntas de intelligencia.</p>	<p>10 ANNOS: 1. Dispôr por ordem de peso cinco caixinhas eguaes em fórma, tama- nho, côr. 2. Copiar de memoria dois desenhos. 3. Criticar affirmações ab- surdas. 4. Responder a certas per- guntas mais difficeis que as do anno anterior. 5. Usar tres palavras em não mais que duas phra- ses.</p>	<p>10 ANNOS: 1. Mezes do anno. 2. Nomeação de nove peças de moeda. 3. Construção duma phra- se com tres palavras que se dizem. 4. Perguntas de intelligen- cia, de comprehensão: 1.<sup>a</sup> serie: Quando se perde o comboio, que se deve fazer? Quando um com- panheiro nos faz mal sen- querer, que se deve fazer? 2.<sup>a</sup> serie: Quando se parte atrazado para a escola, que se deve fazer? Quan- do nos perguntam a nossa opinião sobre alguém que não conhecemos, que se deve fazer? Porque é que se deve apreciar algu- guém pelos seus actos e não pelas suas palavras?</p> <p>11 ANNOS: 1. Criticas de phrases. 2. Sessenta palavras em tres minutos (notar o numero e o encadeamento.) 3. Definições abstractas. 4. Pôr em ordem palavras (reconstituir uma phrase com palavras dispersas.)</p>
<p>** Uma borboleta e uma mosca, por exemplo. *** 3 6, 9, 12, 15 gram- mas. **** Moeda franceza.</p>		

ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TEXTS estão conforme se vê no livro de Binet — "Les idées modernes sur les enfants".

ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albuquerque, no seu livro — "Tests".

ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a exposição de Faria de Vasconcellos, em seu livro — "Lições de Pedagogia e Pedagogia Experimental".

12 ANNOS. — Criticar phrases absurdas. Pôr tres palavras numa phrase. Achar mais de sessenta palavras em tres minutos. Dar definição de palavras abstractas. Reconstituir phrases desarticuladas.

15 ANNOS. — Repetir sete algarismos. Achar tres rimas para dois objectos, de repetir uma phrase de vinte e seis syllabas. Interpretar uma gravura. Resolver um problema psychologico.

12 ANNOS:

1. Resistir a uma sugestão.
2. Compôr uma phrase contendo tres palavras dadas.
3. Dizer sessenta palavras em tres minutos.
4. Definir certas palavras abstractas (caridade, justiça e bondade.)
5. Descobrir o sentido de phrases cujos termos tenham sido baralhados.

15 ANNOS:

1. Repetir sete numeros digitos.
2. Dar tres rimas para uma palavra.
3. Repetir uma phrase de 26 syllabas.
4. Interpretar um quadro.
5. Resolver problemas de factos.

12 ANNOS:

1. Repetição de sete algarismos.
2. Rimas.
3. Repetição duma phrase de 26 syllabas (memoria verbal.)
4. Gravuras.\*
5. Resposta a perguntas de compreensão mais difficil e complicada.

15 ANNOS:

1. Recorte do papel dobrado em 4.
2. Triangulo voltado.
3. Diferenças que ha entre prazer e felicidade, pobreza e miseria, orgulho e pretensão.

\* Aos 3 annos, enumeram; aos 7, descrevem; aos 12, interpretam.

## LIÇÕES DE COISAS

### A PEROLA

*Alumna.* — A senhora póde me dar licença de ir procurar, no recreio, a perola do meu brinco que, com certeza, lá cahiu?

*Professora.* — Vá, menina. Mas... diga-me primeiro: — Porque vem ao Grupo com brincos de perolas?

*A.* — Porque são falsas.

*P.* — Ah!... isso sim!

*A.* — E de que são feitas as perolas falsas, professora?

*P.* — Em geral, são pequenas espheras de vidro cheias de cera e cobertas de escamas de *mugem*.

*A.* — A senhora disse — *escamas de mugem*. Então, *mugem* é algum peixe?

*P.* — Exactamente.

*A.* — E as perolas finas, as verdadeiras, de que são feitas?

*P.* — As perolas são concreções calcareas, de fôrma e dimensões variaveis...

Vocês já aprenderam o que são molluscos, não é assim?

*A.* — Já. Molluscos são animaes que não têm ossos nem articulações; seu corpo é molle.

*P.* — Que mais sabem a respeito dos molluscos?

*A.* — Quasi todos os molluscos são protegidos por conchas, umas formadas duma só valva, outras de duas.

*P.* — Isso mesmo. Pois bem: ha varias especies de molluscos de cujas conchas se retiram bellas perolas. As mais importantes são as de Ceylão. As pescas se fazem de fevereiro a abril.

*A.* — E' só lá em Ceylão que existe tal riqueza?

*P.* — Não; tambem nos Estados Unidos ha conchas que dão perolas magnificas. Encontram-se ainda na Europa, no Mediterraneo, no Mar das Antilhas e no Mar Vermelho.

*A.* — As perolas coloridas são todas falsas?

*P.* — Não. Ha uma especie de concha chamada *pinha marinha*, que produz perolas rosadas.

Assegura-se que a mais bella perola do mundo pertence a um principe de Mascate. O que constitue seu valor é menos seu volume do que sua admiravel transparencia.

O actual *Xá* da Persia possui um comprido rosario de perolas dum valor incalculavel. Cada perola tem, mais ou menos, o tamanho duma avellã.

*A.* — E' verdade que ha perolas redondas e outras achatadas?

*P.* — E', sim.

*A.* — E as perolas se estragam?

*P.* — São facilmente atacadas pelos acidos. O suor, a agua de sabão, a agua salgada empallidecem-lhes o brilho, tornando-as *velhas* e depois até *mortas*. Recommenda-se conservar-as em magnesia, visto o ar alteral-as com o tempo.

---

## O TOMATE

*Professora.* — Judith, o que contou você, no recreio, a respeito da feira?

*Alumna.* — Eu falei dos preços excessivos dalgumas coisas que comprei.

*P.* — Você comprou tomates?

*A.* — Não, senhora. Em casa temos quintal; num canteiro ha sempre tomates, uns tomates redondinhos e pequenos.

*P.* — São os nossos tomates *cabacinhas*. O anno todo, o tomateiro floresce e dá frutos.

*A.* — A senhora quer saber o preço dum kilo de tomates? No sabbado estava a 7\$000!

*P.* — Vocês gostam de tomates?

*A.* — Eu gosto muito, e os grandes, crús, são saborosos.

*A.* — Para mim, o tomate só é bom na macarronada.

*A.* — Não diga isso! A salada de tomates é muito saborosa.

*A.* — E os recheados, como são bons!

A. — A fritada de tomates com óvos é de fazer vir agua á boca!

P. — Bem, minhas gulosas, saberão também cultivar essa planta?

A. — Ha muitas especies de tomates, não ha?

P. — Ha, sim. E vocês devem conhecer algumas.

A. — O tomate grande, cheio de gomos.

A. — O tomate redondo, liso.

A. — O tomate comprido.

P. — Esse é chamado *tomate pera*.

A. — A senhora disse que o pequenino se chama tomate cabacinha.

P. — Sim. Ainda ha outras especies.

A. — Em qualquer tempo póde-se plantar tomates?

P. — O melhor tempo é em junho e julho. Fazem-se então as sementeiras...

A. — E mudam-se depois as plantinhas crescidas?

P. — ... sim. Como a haste é mais ou menos molle, enfia-se logo ao lado uma estaca qualquer, para amparal-a.

A. — Em casa, fazemos uma cerquinha e amarramos as hastes para que a planta não se alastre pelo chão.

P. — De que côr são as flôres?

A. — São amarellas e dão em cachos.

P. — E os tomates?

A. — A principio são verdes, depois tornam-se amarellos ou vermelhos.

P. — Sabem que os tomates pódem sêr conservados?

A. — Fazendo a massa?

P. — Falaremos nisso logo mais. Elles pódem sêr conservados inteiros.

A. — Como?

P. — Assim que os tomates começam a amadurecer, são colhidos com os cabinhos e postos dentro dum barril, ou dum póte. As camadas bem arrumadinhas terão os vãos cheios de sal não muito grosso; depois, sem apertal-os, deixar que fiquem bem cobertos.

A. — E a massa, como se faz?

*P.* — Colhem-se, lavam-se e enxugam-se bem os tomates; tiram-se-lhes as sementes. Vão depois ao fogo, numa vasilha onde são bem mexidos para que não se queimem e nem grudem no fundo.

Assim que ficarem bem cozidos, passa-se a massa numa peneira, como se faz com a marmelada.

Deixa-se escorrer a agua, e volta a massa novamente ao fogo, com um pouco de sal, até tomar o ponto necessario, isto é, até ficar consistente.

*A.* — A senhora já experimentou doce de tomate?

*P.* — Já e apreciei-o bastante. Faz-se-o, como a goiabada, a marmelada etc., que vocês já conhecem.

---

## O ESPELHO

*Professora.* — Aqui, encerrado em minhas mãos, está um objectozinho muito conhecido de vocês e que hoje vamos estudar. Adivinhem.

*Alumna.* — Um relógio!

*A.* — Uma borracha!

*A.* — Uma fruta?

*P.* — Aposto que muitas o possuem e até o trouxeram para o Grupo.

*A.* — Um espelho?

*P.* — Acertou. Mostrem os seus. Vejam quantos diferentes. Sei que são boazinhas e é só a sahida que delles se utilizam, não é mesmo? . . . De que é feito o espelho? Sabem?

*A.* — E' de vidro?

*A.* — Não póde sêr, porque o espelho não é transparente.

*P.* — E', sim, de vidro, mas tendo na parte posterior uma camada de estanho.

*A.* — Sempre houve espelhos?

*P.* — Naturaes, sim.

*A.* — Naturaes?

*P.* — Vocês nunca olharam para a agua tranquillã?

*A.* — Ah! . . . E' verdade . . . nella vemos nossa imagem.

*P.* — Pois é por isso que a agua tranquilla e limpida é um espelho natural.

*A.* — E os artificiaes?

*P.* — Já lhes digo! Na antiguidade usavam espelhos de metal, de pequeninas dimensões, feitos de ouro, prata, aço e principalmente de bronze.

*A.* — Parece-me que o vidro foi conhecido e descoberto ha muitos seculos . . .

*P.* — Muito bem! Nesse tempo tambem, dizem, appareceu o espelho. Depois perdeu-se a receita para fazel-o, até que afinal, na epoca em que descobriram nossa patria, a cidade de Veneza apresentou novamente esse objecto tão util ao toucador.

*A.* — Ha espelhos esquisitos: uns nos mostram muito gordas; outros nos fazem parecer muito altas e magras.

*P.* — Sim; são os espelhos convexos e os concavos.

O que tambem é digno de nota é o seguinte: a imagem reflectida no espelho é uma illusão da vista, uma simples jogo de luz.

*A.* — Um simples jogo de luz?

*P.* — Admira-se? No escuro, você se enxerga no espelho?

*A.* — Não, senhora; não se vê nada.

*P.* — Isso concorda com o que acabo de dizer. A luz é que desenha no espelho a nossa imagem. Os raios luminosos partem dos objectos, vão bater na superficie polida do espelho e voltam para os mesmos objectos.

*A.* — Que coisa curiosa! E ainda, conforme o logar que occupamos, nos vemos lá na mesma distancia, não é?

*P.* — Muito bem observado!

*A.* — O que é esquisito é ficar tudo ás avessas. O que eu faço com o braço direito, lá parece sêr feito com o esquerdo.

*P.* — Basta, por hoje. Mais tarde, quando forem mais adelantadas, hão de aprender muita coisa a respeito de espelhos.



## A LOUÇA

*Alumno.* — A senhora viu que linda canequinha Arthur trouxe pra tomar agua?

*Professora.* — Não vi. Deixe-me vê-la, Arthur. Realmente, muito bonita!

*A.* — Disseram-me que foi feita aqui, em S. Paulo. Eu nem quiz acreditar!

*P.* — Pouca gente imagina que aqui se fabriquem coisas tão bonitas. Geralmente achamos que os objectos de fabricação nacional são feios; que só prestam os estrangeiros.

*A.* — Como é que se faz a louça?

*A.* — Quando estudámos os tijolos, eu me lembro de ter aprendido que a louça é feita de barro.

*P.* — A louça commum é de barro, mas a louça fina, a porcellana, é fabricada duma argilla especial chamada *kaolin*. Vejamos, em primeiro logar, a louça commum.

*A.* — Essa, a que chamam *pó de pedra*?

*P.* — E'. A argilla é misturada com cal e quartzo em pó. Dá uma massa compacta, dura e sonóra depois de cozida. Com essa massa faz o operario uma bóla e colloca-a sobre uma mesinha giratoria.

*A.* — Faz o movimento de rotação?

*P.* — Sim. A' medida que a mesa gira, o operario dá fórma ao objecto. Isto elle faz com uma especie de cinzel de madeira, talhando os contornos que o objecto deve ter depois de prompto. Aperfeiçoa o esboço e tira o que excede ao recorte do cinzel. O objecto fica tão perfeito como si saísse duma fôrma.

*A.* — E não se põe a louça ao forno?

*P.* — Sim. Depois de se lhe dar a fôrma, vae ao forno. Lembra-se, Antonio, o que acontece aos corpos quando aquecidos?

*A.* — Dilatam-se, augmentam de tamanho.

*P.* — Muito bem. Para evitar que isso prejudique os pratos e outros objectos de louça, e tambem para poupar espaço, são elles postos numas caixas de barro, que se empilham nos fórnos. Depois é a louça passada numa especie de verniz.

A. — Para que?

P. — Para ficar impermeavel. Geralmente junta-se ao esmalte substancias que lhe dão uma côr branca opaca.

Depois é a louça pintada.

A. — E' pintada a mão? Deve custar!

P. — Antigamente a pintura da louça fazia-se a mão, com pincel. Hoje pôde-se dizer que os desenhos e ornatos são impressos na louça.

A. — E a porcellana?

P. — A louça fina é feita duma argilla mais pura que a da louça de barro. Essa louça é a porcellana, que ultrapassa todos os outros productos ceramicos. Examinando-se as differentes fracturas nas louças, nota-se que a da louça de barro mostra uma terra amarellada, facil de riscar; a da louça commum é branca e dura; a da porcellana assemélha-se ao esmalte branco.

A. — O som tambem é differente.

A. — A porcellana é muito mais delicada; é sonôra e translucida.

A. — Algumas porcellanas são transparentes.

P. — A materia prima de que é feita a porcellana — a massa — é muito fina. Emprega-se uma argilla branca, pura, conhecida pelo nome de *kaolim*, como já disse.

A. — Kaolim?

P. — Sim. O kaolim provem da decomposição dum mineral chamado *feldspatho*. Mistura-se o kaolim com uma porção de *feldspatho*, ajuntando-se-lhe ás vezes, crystal de rocha, pulverizado. A esta mistura depois de peneirada, põe-se agua; amassa-se tudo e deixa-se ficar por bastante tempo: seis mezes ou um anno.

A. — E está prompta?

P. — Está apenas começada.

A. — E' por isso que a porcellana é tão cara!

P. — Para empregar essa massa, bate-se-a primeiro, para tirar-lhe as bolhas de ar. Dá-se-lhe a fôrma que se quer, ás vezes por processo semelhante ao empregado na fabricação da louça commum; ás vezes applica-se uma camada da massa sobre um molde formado de varias peças. Comprime-se-a com uma

esponja. Quando a camada estiver secca, retiram-se as peças do molde.

A. — A porcellana tambem vae ao forno?

P. — Depois dos objectos receberem a fórma, vão ao forno para o primeiro cozimento. São então esmaltados e pintados, para serem de novo cozidos. A pintura da porcellana offerece difficuldades.

A. — Porque?

P. — Porque o calor muda o tom das côres alterando assim os desenhos.

A porcellana é conhecida no Japão e na China ha muitos, muitos annos.

---

## MEIOS DE COMMUNICAÇÃO POR TERRA, POR MAR, PELOS RIOS E PELO AR

*Professor.* — Onde você nasceu, Milton?

*Alumno.* — Em Santos.

P. — Quando você quer ir passear em sua terra, de que modo o faz?

A. — Eu vou pelo trem da *Ingleza*.

P. — Sim. Caminhando sempre por terra, de que modo poderemos ir tambem a Santos, sem viajarmos pela *Ingleza*? Quem sabe?

A. — De automovel.

P. — Que passará por que estrada? Algum de vocês sabe?

A. — Pela estrada de rodagem chamada “Caminho do mar”, ou do “Vergueiro”.

P. — Muito bem! Como poderemos ainda ir a Santos? Pódem falar.

A. — De auto-caminhão.

A. — De carro.

A. — De carroça.

A. — De moto-cycleta.

A. — De bicycleta.

P. — E' bastante. E si não quizermos ir por terra, como poderemos ir então?

A. — Pelo ar.

P. — Sim, mas de automovel?

A. — Não, senhor. De aeroplano.

P. — Perfeitamente. E você, Renato, onde nasceu?

A. — No Rio de Janeiro.

P. — Então, meu *carioquinha*, si você quizer ir até lá, de que modo poderá fazel-o?

A. — De trem, de automovel, de aeroplano.

P. — Sim. Qual é a estrada de ferro que vae daqui ao Rio?

A. — A *Central do Brasil*.

P. — Bem. Como eu gosto muito de você, pois é um bom alumno, não quero que vá pela *Central*, pois poderá haver algum desastre e você morrer. Você irá, então, por outro caminho. Qual será elle?

A. — Poderei ir até Santos pela *Ingleza*, e lá tomarei o vapor que me levará ao Rio.

P. — Então, quer dizer você que poderá ir ao Rio, tambem por mar, não é assim? Quaes as embarcações que navegam pelos mares? Pódem falar.

A. — Navios.

A. — Canôas.

A. — Lanchas.

A. — Jangadas.

A. — Bótes.

A. — Barcas.

A. — Barcos.

A. — Temos ainda as embarcações de guerra, como os grandes couraçados, cruzadores, caça-torpedeiras, rebocadores, submarinos etc. A proposito dos submarinos, quem quer me dizer alguma coisa?

A. — Os submarinos andam por baixo da agua.

P. — Temos ainda outras embarcações antigas, como a galéra, náó, nave, gondola, catraia, falúa etc. Nós não poderemos tambem viajar pelos rios?

A. — Sim, senhor.

*P.* — Vocês conhecem alguns rios navegaveis, no Brasil?

*A.* — O Amazonas.

*A.* — O Parahyba.

*A.* — O Tietê.

*A.* — O S. Francisco.

*A.* — O Rio Grande.

*A.* — O Paraná.

*A.* — O Uruguay.

*A.* — O Paraguay.

*A.* — O Ribeira de Iguape.

*P.* — E' bastante. Nos rios usamos as mesmas embarcações que nos mares, porém menores, apesar de que no Amazonas, por sêr muito vasto e profundo, algumas grandes embarcações por elle pôdem navegar com facilidade.

Atenção, todos. Preciso saber de minha familia que está no Rio de Janeiro, mas não posso ir até lá. Como procederei então?

*A.* — O senhor poderá escrever uma carta.

*A.* — Falar pelo telephone.

*A.* — Telegraphar.

*P.* — Muito bem. De modo que, além das estradas de rodagens, vias-ferreas, vias-aereas, mares e rios, nós temos ainda como excellentes meios de comunicação, o correio, o telephone o télegrapho, não é assim?

*A.* — E' sim, professor.

*P.* — Pois na proxima aula falaremos mais detalhadamente destes outros meios de comunicação.

---

## ALFINETES

*Professor.* — Meus meninos, vocês haviam de achar muito esquisito si eu lhes dissesse que os alfinetes são tirados do sólo, não?

*Alumno.* — E' mesmo, professor.

*P.* — Pois vão vêr que é quasi verdade o que eu digo.

Quem será capaz de me dizer de que são feitos os alfinetes?

A. — De cobre.

P. — E de que mais? Quem poderá me dizer o que mais entra na composição dum alfinete?

A. — Ferro?

P. — Não. Ninguém sabe?

A. — (?)

P. — Pois, então, escutem. Os alfinetes são feitos de latão, que é uma liga de cobre e zinco. Quem sabe o que é o cobre?

A. — E' um metal.

P. — E o zinco o que é?

A. — Também é um metal.

P. — E onde são encontrados os metaes?

A. — Debaixo da terra.

P. — Pois então, podemos dizer que os alfinetes, isto é, os metaes de que são fabricados, são encontrados debaixo da terra. Não é assim?

A. — Sim, senhor; é verdade.

P. — Vou agora contar-lhes como os alfinetes são feitos. Primeiramente, o latão é transformado em fio. Depois, a machina corta o fio em pedaços de tamanhos certos. São, então, os pedacinhos de arame, cada um por sua vez, seguros e martelados numa das pontas, para assim se formar a cabeça do alfinete. Depois, em todos os pedacinhos a outra ponta é afiada e polida. Estão promptos os alfinetes, que são ainda amarellados, pois o latão é amarello. Vão agora para um banho de nickel, que os faz mudar de côr. Isto tudo é feito por meio de machinas, que até se encarregam de collocal-os nos papeis, como os compramos. Antes da invenção dessas machinas eram precisos 14 homens para fabricar um simples alfinete.

---

## PEDRA-POMES

*Professor.* — Porque você não lava bem suas mãos, Arthur?

*Alumnô.* — Eu já esfreguei-as, mas esta tinta não quer sair.

P. — (Dando-lhe um pedaço de pedra-pomes.) Leve isto e

esfregue nas mãos, com agua e sabão. Você verá como suas mãos ficarão bem branquinhas.

A. — (Depois de lavar as mãos.) Que pedra esquisita!

A. — Você não a conhece? E' *pedra-pomes*.

P. — Justamente: é *pedra-pomes*.

A. — Tem uma porção de buracinhos.

A. — Póros bem visiveis.

P. — Com o que se parece?

A. — Parece-se com uma esponja.

A. — Como é leve!

A. — E' mais leve que a agua.

P. — Esta pedra tem uma historia interessante.

A. — Conte-nos, professora.

P. — A palavra *pomes* é derivada de *espuma*.

A. — Parece mesmo espuma!

P. — A *pedra-pomes* é cheia de intervallos, porque é formada sob a influencia de calor intenso. Esses intervallos, estavam occupados por gazes, na occasião da formação da pedra.

A. — E onde é ella feita? Onde encontra ella todo esse calor?

P. — E' uma pedra vulcanica, formada bem no centro da terra e dahi expellida pela cratera dos vulcões.

A. — Então, já sei que nós não temos *pedra-pomes*, porque em nosso paiz não ha vulcões.

P. — E' encontrada especialmente nas ilhas Lipari, na Sicilia e na Auvernia, na França.

A. — E que utilidade tem?

A. — Serve só para tirar tinta das mãos?

P. — Tem outras utilidades. Reduzida a pó, é empregada pelos dentistas, e diluida, serve para polir metaes, marmore etc. Ainda tem outros empregos que estudaremos em nova lição. Por hoje, é o bastante.

---

## A PENNA

(Sobre a mesa varias especies de pennas.)

*Professor.* — Attenção, todos. Assim como um bom operario precisa conhecer os instrumentos de seu officio, vocês, que estão na escola, precisam tambem conhecer os objectos com os quaes trabalham. Quaes são as coisas que vocês occupam diariamente na escola? Quem sabe?

*A.* — Os livros.

*A.* — O lapis.

*A.* — O caderno.

*A.* — A caneta.

*A.* — O tinteiro.

*A.* — A regua.

*A.* — O giz.

*A.* — O compasso.

*A.* — O mappa.

*A.* — O esquadro.

*A.* — A penna.

*P.* — E' bastante. Muito bem... Não basta, porém, que vocês saibam para que serve tudo isso. Precisam saber de que são feitos taes objectos, como são fabricados etc. Hoje iremos conhecer bem a penna, nossa boa companheira de trabalho.

Vá ao quadro-negro, Olympio, e escreva lá a palavra — *penna*.

*A.* — (Escreve *pena*.)

*P.* — O Olympio escreveu direito, Arnaldo?

*A.* — Não, senhor. Elle escreveu com um *êne* em vez de dois. O senhor já nos ensinou ha dias que *penna*, de escrever e das aves, escreve-se com dois *ênes*, e que só se escreve com um *êne* quando significa dó, *pezar* etc.

*P.* — Muito bem! Vejam como o Arnaldo é um alumno distincto! Continuemos com a nossa aula. De que é feita esta penna, Raul?

*A.* — De ferro.

*P.* — Não, senhor. Ella é feita de aço. Não vê como é flexivel, como se dobra quando queremos, e como se endireita logo que cessa a força que sobre ella fazemos?

Si fôsse de ferro, uma vez dobrada, não voltaria á sua primitiva fórma, por si mesma.

Vocês sabem quantos homens são empregados para fazer uma penna? Fale, Amador.

A. — Um homem.

P. — Como você está enganado! São empregados 12 operarios. Cada qual executa um serviço, de modo que fica logo muito pratico. Um só operario faria uma penna em dez minutos, mas 12 homens fazem 100 pennas em um minuto.

Para se fabricar uma penna, corta-se uma pequena lamina de aço, dá-se-lhe a fórma curva, fende-se-lhe a ponta e em seguida dá-se-lhe a côr. Para fazer tudo isto, é necessario machinas muito aperfeiçoadas.

De que côr pôdem sêr as pennas?

A. — Branca.

A. — Dourada.

A. — Cinzenta.

A. — Preta.

P. — Sim. Qual a marca de penna que você mais gosta e usa, Luiz?

A. — *Mallat*.

P. — Sim, é a melhor e a mais commumente usada. Ha, porém, muitas outras marcas. Ha uma penna que tem a ponta aparada e serve para fazer letra gothica. Vocês a conhecem?

A. — Sim, senhor.

P. — Muito bem. De modo que vocês já sabem o que é uma penna, para que serve, de que é feita, como se faz etc., não é assim? Logo irão conhecer bem o lapis, a caneta etc.

---

## NINHOS

(Sobre a mesa o maior numero possivel de ninhos.)

*Alumno.* — Quantos ninhos!

A. — Para que são?

*Professor.* — São para estudarmos um pouco de architectura; para conhecermos um pouco a paciencia e habilidade das aves, especialmente dos passarinhos.

Reñato vae me dizer o que é um ninho. E' capaz?

A. — E' a casa dos passarinhos.

P. — Sim, é o seu berço, o seu lar.

A. — Um lugar tão pequeno para uma familia inteira morar?

P. — Isto prova que com ordem tudo se arranja. Os filhotes, que são tão pequeninos, ficam juntinhos sob as azas maternas.

A. — E o pae?

P. — O pae geralmente pousa num galho proximo, prompto a attender ás necessidades da familia . . . Dissemos que o ninho é um berço e podemos ainda accrescentar que é um berço muito perfeito.

De que serão feitos esses berços, Roberto?

A. — De pedacinhos de páos, de flócos de algodão etc . . .

P. — De que mais poderão sêr feitos?

A. — De fios de crina animal.

A. — Capim, canniços e juncos.

A. — Musgos, lâ, pennas e pellos.

A. — Pedacinhos de papel e trapos.

A. — A's vezes de barro.

P. — E' assombrosa a variedade das substancias de que os passaros se utilizam na edificação dos seus ninhos. Fazem ninhos de folhas seccas, ninhos de teias de aranha, ninhos de delicados musgos etc., etc.

Fazem-n-os tecidos, entrelaçados, rebocados etc. E' infinita a variedade na confecção, desde os mais simples até aos mais complicados. São os passaros architectos, pedreiros, carpinteiros, tecelões e alfaiates.

A primeira idéa que temos dos ninhos é dum lugar macio e sedoso, fôfo e quentinho, mas nem sempre o é. As aves que vivem á beira-mar e nas margens dos rios contentam-se com um toscos buraco no chão ou entre os rochedos e penhascos. As aves de rapina têm ninhos toscos. A aguia, por exemplo, faz grosseiro ninho de gravetos. O ninho do avestruz consiste em um buraco na areia.

A. — E esse ninho? (Mostrando um ninho de *joão de barro*.) E' quasi uma casa, não é?

P. — Este é o ninho do *joão de barro*. Elle recolhe crina de cavallo e fibras, e com barro reboca as paredes. E' um ninho admiravelmente planejado. Vejam: tem alicerce como qualquer casa, e paredes reforçadas.

A. — E até dois andares.

P. — Um é reservado para a incubação e o outro é a residencia.

A. — O beija-flôr tambem faz ninho bem feitinho.

P. — (Mostrando.) Este é de beija-flôr.

A. — Que perfeição!

P. — Nenhum artista póde imital-o.

A. — De que é feito?

P. — De sedas e teias de aranha, entrelaçadas em delicados musgos. Geralmente, quanto menor é o passaro, melhor é a sua obra.

Um beija-flôr ha que protege o seu ninho dos raios.

A. — Constróe para-raios?

P. — Antes duma tempestade, prudentemente cobre o seu ninho com teias de aranha. Assim, tem o beija-flôr o seu lar protegido contra o raio.

A. — Olhem que engraçado! Este ninho tem fios de arame!

P. — Vejam como os passaros são amigos do progresso. Elles provam que, ou por preferencia, ou por necessidade, podem usar nos seus ninhos, material novo, mui differente do que empregaram seus ante-passados.

A. — Que material novo?

P. — Você não viu arame nesse ninho?

A. — Ah! . . . é verdade!

P. — Nem sempre são os mais bonitos passaros nem os melhores cantores os que têm ninhos mais bem feitos.

A. — Nem toda a gente notavel móra em palacios.

P. — Diz bem . . . Não só ha variedade nos ninhos como no logar onde são construidos: nos troncos de arvores velhas, nas pontas dos galhos, nos arbustos e arvores dos nossos jardins, na beirada dos telhados etc. Levaria muito tempo para contar a his-

toria de todos os ninhos. Já aprendemos no entanto que os passaros são habéis constructores para quem o bico é serrote, picareta, trolha, agulha e até quasi mão.

E' engano pensar que os passaros fógem do homem. Elles procuram approximar-se e sêr seus amigos. Construirão seus ninhos perto das nossas casas, alegrarão os nossos terreiros e jardins com os seus gorgeios, sempre que encontrarem insectos e bichinhos que lhes sirvam de alimento e especialmente onde não encontrarem meninos maus que lhes destruam os ninhos.

---

## O FIO DE PRUMO

*Professor.* — Estão vendo o que eu tenho aqui na mão?

*Alumno.* — Eu já vi esse objecto com os pedreiros.

*P.* — Justamente. Elles o empregam quando estão trabalhando. E' um pedaço de chumbo, ás vezes uma pedra; qualquer coisa enfim que tenha peso, amarrada na ponta dum fio.

*A.* — E para que serve?

*P.* — Para verificarem si as paredes em construcção estão perfeitamente verticaes.

*A.* — E que não ha perigo de tombarem, não é.

*P.* — Isso mesmo. Este apparelho, chamado *prumo* ou *fio de prumo* tem grande importancia.

*A.* — Assim, tão simples?

*P.* — Dá, sempre que esteja em equilibrio, a mesma direcção, a mesma posição vertical.

Agora que você conhece o seu uso, veja si é capaz de descrever um fio de prumo.

*A.* — E' um fio tendo atado a uma extremidade um pedaço de chumbo ou outro qualquer peso. A extremidade livre do fio fica na mão do pedreiro que deixa o peso cair. Quando o peso parar de balançar, quando estiver em equilibrio, o fio dará sempre a posição vertical.

*P.* — Perfeitamente. Agora, Arthur, eu quero saber por que será que o peso procurou cair?

*A.* — Eu não sei.

*A.* — Eu sei; o senhor já nos disse outro dia. E' por causa da attracção da terra, daquella força que se chama...

*A.* — Gravidade.

*P.* — Muito bem, Alexandre. E' justamente a força de gravidade que attráe o peso. Elle não acaba de cair, porque?

*A.* — Porque está preso pelo fio.

*P.* — Este fio é o caminho que o peso seguiu quando attrahido pela terra. E' a direcção da gravidade. Dissemos que este fio, quando a prumo, toma sempre a direcção vertical, não foi?

*A.* — Foi, sim.

*P.* — Deixe cair o seu lapis, Augusto. Como cahiu? Em curva?

*P.* — Não, em recta vertical.

*P.* — A gravidade faz cair todos os corpos do mesmo modo, seguindo a mesma direcção. Veja, Alberto si você será capaz de nos dizer qual é essa direcção?

*A.* — Todos os corpos quando cáem seguem a direcção vertical, que é dada pelo fio de prumo.

*P.* — Si nós prolongassemos essa direcção, essa vertical iria ter bem ao centro da terra.





# QUESTÕES GERAES

## ASSISTENCIA Á INFANCIA

“Muitas crianças têm desaparecido das casas de seus paes!”

A terrível nova, como um vendaval, voou célere, destruindo a paz reinante nos corações maternos. Emprestando-lhe maior vulto ainda, os infatigáveis “boateiros,” que já ansiavam por outras novidades, desde que a hydra revolucionaria exhalou o ultimo alento lá nos sertões longinquos de Goyaz, deixando de lhes fornecer por isso noticias trágico-comicas, que apavoravam os ignorantes e divertiam os cultos. “As crianças desaparecidas, diziam elles, são assassinadas para o fabrico de salsichas!”

E as pobres mães, nervosas, o coração a bater nuns movimentos desordenados de systole e diastole, aconchegando, medrosas, os filhinhos aos seios offegantes, não tinham mais um instante sequer de socego. Em todos viam o salsicheiro horripilante, o “papão” fantastico. Ninguem mais podia acariciar um anjo louro que a cada passo encontramos em nosso caminho, como flôres a juncar a “via crucis” que diariamente percorremos em busca do “pão nosso.” E ai daquelle que o fizese!...

Impulsionados pelo nosso coração de professor e pae, não podiamos encontrar uma criança, que não fôsse por nós acariciada. Infelizmente, porém, tivemos que nos corrigir desse habito e passar indifferentes pelos innocentes, receiosos de sermos sacrificados em praça publica, como ladrões de crianças.. Si o Divino Mestre voltasse á terra, certo não poderia, em São Paulo, na capital artistica, reproduzir o sublime quadro: “Deixae vir a mim os pequeninos!” Talvez fôsse mais depressa crucificado!

Sempre ouvimos dizer que “nada se perde no mundo.” Nossos mestres nos ensinaram que “ha males que vêm para

bem." Aprendemos na escola, que a luz brilhante provém muitas vezes de comburentes fétidos. Do estercor immundo brota a mais bella e perfumada flôr; da feia lagarta sâe a borboleta dourada, e outra ainda ha, não menos feia, que nos fornece a seda fina e cara.

Foi rememorando tudo isso, que quando crianças, dos mestres e de nossos paes ouvimos, que, ao invés de maldizermos os "boateiros," sobre elles lançámos as nossas bençãos, pois fizeram sair em campo a nossa modelar policia, cujas diligencias foram, felizmente, coroadas de bom existo. Descobriu-se uma fabrica! Não vos assusteis, porém, oh! mães! Descobriu-se uma fabrica, não de salsichas de carne humana, mas um baração onde jazia em triste promiscuidade, um bando de crianças semi-núas, famintas, enfermas e torpemente exploradas por um monstro que se diz homem. Descobriu-se uma fabrica, não de salsichas de carne de crianças, mas uma fabrica de maus caracteres, de viciados, de enfermos, feitos de meninos abandonados, orphams ou explorados pelos proprios paes. O "papão" horrendo, o explorador de menores, o deturpador de caracteres, felizmente, a esta hora já prestou contas á justiça.

E' por isso que bemdizemos os "boateiros" e as scenas comico-dolorosas que se desenrolaram ultimamente nesta "New-York" brasileira. E foi considerando tudo isso, que começámos a meditar e perguntámos: para que as crianças não vivam abandonadas pelas ruas, não chorem a orphandade, não estejam expostas ás explorações de homens sem coração, porque se não funda aqui, nesta capital do Estado-modelo, nesta cidade de fabricas, jardins e dinheiro, uma instituição protectora da infancia? Responder-nos-ão: isto compete ao Estado e elle já lançou suas vistas para o melindroso caso. Não contestamos a objecção. E' verdade que o nosso governo, instituindo o Tribunal de Menores, em brilhante lei apresentada ao Congresso pelo illustrado parlamentar Dr. Roberto Moreira, procurou amparar, tanto quanto possivel, os menores delinquentes, abandonados, orphams, viciados, mendigos e anormaes. As escolas para tal fim, já ha muito estão abertas.

O Estado procura socorrer, tanto quanto possível, os menores que necessitam de assistência; mas elle não póde cuidar sózinho deste assumpto, embora urgente e importantissimo, pois já anda assoberbado com uma infinidade de serviços que tambem solicitam a sua rapida e efficaz providencia.

Que fazer, então? Abandonar a questão? Absolutamente, não. Seria tornarmo-nos surdos e cégos aos soffrimentos alheios. Seria assistirmos impassiveis e criminosamente á derrocada do alicerce sobre o qual se vae construindo a nossa civilização, a sociedade brasileira, a grande terra do Brasil! Sim, seria tudo isto, porque as crianças são o futuro da Patria!

Sendo um crime abandonarmos a magna questão, só nos resta recorrer á iniciativa particular, para que ella venha com seu valioso auxilio, secundar o nosso bem orientado governo. Assim, faremos uma obra meritoria, aos invés de fundarmos sociedades dansantes, dramaticas, esportivas, carnavalescas, e estas, "ignobeis e licenciosas, que todos os annos dão a nossos filhos uma lição colossal de insensatez, de immoralidade e de mau gosto, gastando-se em todas ellas fortunas que dariam para se fundar e custear em cada uma de nossas capitaes, um estabelecimento grandioso e modelar de puericultura integral, com edificios proprios, com jardins, com campos, com thermas, com leitarias, com pharmacias, com laboratorios, com crèches, com escolas, com batalhões de medicos, de enfermeiros, de mestres e de empregados."

Gastamos milhares de contos em theatros, joias, sedas, flôres, automoveis, e somos aváros quando se trata de concorrer com uma migalha de nossos rendimentos em pról duma obra de caridade "que nos proporcionaria o espetaculo mil vezes mais lindo de podermos contemplar uma immensa guirlanda de crianças esbeltas, rosadas e gentis a entrarem no "palco" da vida em rondas joviaes, na eurythmia da saude, enchendo o ar da musica ineffavel das suas risadas.

Consoante um dito de Spencer, não é decente que, numa sociedade onde se gastam rios de dinheiro para introduzir melhoramentos em raças de porcos e de bois, nada se faça, nada se tente, nada se deseje ao menos fazer, devéras, em pról do melhoramento do homem!"

Não devemos descuidar dos problemas relativos á vida economica e mesmo politica do Estado para só tratar da assistencia á infancia. Precisamos, porém, a exemplo do que já se fez no Rio de Janeiro, fundar uma “Associação Protectora dos Menores”, que forneça completa assistencia aos infantes e adolescentes desamparados, em perigo moral, indigentes, enfermos e debeis. Auxiliemos o Estado nesta santa cruzada! As crianças devem merecer todo o nosso cuidado, todo o nosso carinho. Façamol-as dum physico forte, duma alma grande e dum cerebro culto, para que o Brasil se torne cada vez mais agigantado, mais poderoso — patria dum grande povo.

Não olvidemos, portanto, o Brasil de amanhã! Separemos de nossos rendimentos, por mais modestos que sejam, uma moeda, unica embora, destinada á “Associação Protectora dos Menores”, que, a exemplo do Rio de Janeiro, os paulistas precisam fundar nesta Capital.

Daqui lançamos com prazer a idéa. Aos nossos patriocios cabe a gloria de tornal-a em feliz realidade.

---

## PREPARAÇÃO DA CLASSE

Que ninguem diga: — “Eu sei, muito mais do que poderia ensinar.”

No dia em que cessardes de estudar, duvido que saibaes sufficientemente para communicar a outrem a vossa sciencia. O vosso ensino perderá a attracção que torna o estudo agradável, que prende a attenção dos alumnos e os dispõe a acolherem favoravelmente as vossas lições.

Desconfiae de vossos progressos, enquanto não sentirdes a humildade da vossa ignorancia.

Começareis sómente a saber alguma coisa, quando disserdes com convicção: — “O que sei melhor é que nada sei.”

Admiremos a modestia de Newton: — “Não sei o que o mundo pensará de meus trabalhos; parece-me que brinquei como uma criança nas praias do mar, ondê achei ora um pedre-

gulho mais polido, ora uma concha mais brilhante, enquanto o grande *oceano da verdade* se extendia inexplorado em minha frente.”

Saber para si, está bem, mas não basta, quando se contrahiu o dever de communicar a sciencia. Imaginemos a sagacidade, o talento, a delicadeza que impõe constantemente a leviandade da criança áquelle que deseja instruil-a, e por isso mesmo interessal-a!

Quando julgamos possuir todos os conhecimentos necessarios, nos assemelhamos ao agricultor provido de boas sementes. Como ha de distribuil-as? Não será preciso estudar o terreno, preparal-o convenientemente, semear conforme certas regras, para obter colheita compensadora?

A tarefa do professorado é uma nobre tarefa: esclarecer intelligencias, orientar vontades, formar caracteres!

Oxalá comprehendessemos todos o nosso dever, a nossa responsabilidade!

Antes, pois, de entrar na classe, deveis tudo prevêr, preparar, coordenar. Dominareis as materias de vosso ensino; as explicações serão methodicas; a linguagem, clara, intelligivel; apresentareis aos vossos alumnos (qualquer que seja a classe) apenas os factos, as idéas que possam comprender, excluindo, deixando mesmo para mais tarde, o que não estiver ao alcance de suas intelligencias.

Nestas condições, obtereis trabalho e progresso; a disciplina será facil e o desgosto nunca virá installar-se na vossa classe.

Mas si, pelo contrario, nada tiverdes preparado, uma parte do tempo da aula passareis tacteando. — Que ditado darei? Que composição? Que exercicios? Que problemas? Em que ponto estamos da Historia? da Geographia?... Hesitação na escolha dos exercicios, hesitação no desenvolvimento, omissões essenciaes, ás vezes, sem contar os embaraços, as faltas de clareza na propria linguagem, os erros até em factos comezinhos. A estes inconvenientes accrescentae a impaciencia dos alumnos, a dissipação da classe, as reprehensões, os castigos e os caracteres azedos...

Uma boa preparação da classe teria prevenido todas estas desordens. Não se fala duma preparação vaga, mas séria, effectiva, determinando-se a ordem, a extensão das lições. Escolhem-se os exercicios, previnem-se as explicações a dar, os termos a empregar, as perguntas mais importantes a propôr; afinal, pequenas, porém utilissimas, indispensaveis deducções moraes a expôr; enfim, tudo quanto fôr de natureza a instruir, a interessar, a desenvolver a intelligencia, a formar o espirito e o coração da criança.

Interessar as pessoas instruidas é uma coisa difficil; fazer-se escutar frutuosamente por crianças, pede uma habilidade ainda maior.

Não basta o mestre saber o que quer dizer, mas é necessario dizel-o numa linguagem correcta, facil, natural; é preciso descer até a esses jovens ouvintes, falar como elles, servir-se das imagens emprestadas aos seus jógos, aos seus habitos e isto conforme a natureza da lição, quer pelo desenho, quer mostrando-lhes objectos, quer ainda por meio de experiencias interessantes, praticas, sobretudo.

Sem uma séria preparação é impossivel dar ás vossas lições o enthusiasmo que reclama a impaciente actividade da criança.

Negligenciar habitualmente esta preparação é cair na rotina, a peór das situações para um professor, porque torna o espirito preguiçoso, inerte, refractario a todo progresso; segue-se a rotina, repetem-se as mesmas lições, sinão com os mesmos termos, pelo menos com uma uniformidade dum tom somnolento... Nada de novo na fórma, nenhuma luz nova!

“Sempre a mesma coisa!” repetem as crianças desanimadas e procuram distracções. A imaginação infantil como a de todo sêr humano cria novos horizontes, e o brinquedo proprio a essa idade vem prejudicar a disciplina escolar.

De quem a culpa?

---

# LITERATURA INFANTIL

## FELICIDADE

— “Que raiva eu tenho de coser!” disse Anna, “especialmente quando faz calor! A agulha prega-se-me aos dedos, a linha dá nós a cada instante, e esta bainha não acaba mais! Gostaria de sêr qualquer outra coisa, menos menina!”

— “Nós, meninos, também temos de trabalhar,” disse do outro lado da cerca o Augusto. “Veja quanto eu ainda tenho que carpir, antes do jantar. E olhe que não posso me sentar á sombra, como você, para fazer o meu trabalho.”

— “Mas, coser é tão sem graça; sempre a mesma coisa!” suspirou Anna, encostando a cabeça a uma arvore.

Dahi a segundos adormeceu. Sonhou que via uma fada.

— “Oh! muda-me, boa fada, em... em...”

— “Em que, minha menina?”

— “Não sei em que. Em qualquer coisa que esteja sempre contente, sempre feliz.”

— “Muito bem”, disse a fada. “Si você puder achar em todo o mundo alguém sem tristezas ou aborrecimentos, eu immediatamente farei a transformação.”

— “Ah! si eu fôsse aquella flôrinha que acabei de vêr ali debaixo daquella arvore, como eu ficaria contente! Que linda era! Certamente as flôres não têm aborrecimentos. Será que posso encontrá-la? Onde estará?”

Mas... ah! a menina tinha, ella mesma, pisado na flôr e esmagado-a.

Uma grande borboleta, abrindo suas douradas azas, pousou num galho florido.

Anna admirou-a, até que uma nuvem surgiu, escureceu o sol e cahiu sobre a terra, em fórmula de chuva. Logo um forte vento levantou-se, vergou o galho e carregou a borboleta.

— “Onde está a linda borboleta? Eu queria que a fada me fizesse igual a ella,” disse Anna, procurando-a na relva molhada.

—“Aqui está; a chuva matou-a”, responderam as flôres do galho, deixando cair copiosas lagrimas.

A's ondas que brincavam na areia, Anna perguntou: “Vocês, eu sei, são sempre felizes, não o são? Deixem que eu seja uma de vocês!”

Immediatamente as ondas encresparam-se, cessaram de brincar e um longo suspiro soltaram aos seus pés.

—“Será que tudo e todos são infelizes?!” exclamou Anna.

—“Oh! não,” disse sorrindo um raio de sol, que acabava de apparecer. “Todos têm suas contrariedades, seus revezes. Mas sómente são infelizes aquelles que só se preocupam com-sigo mesmos. Quando nos lembramos dos outros, não temos tempo para nossas tristezas. Somos felizes servindo ao proximo.”

---

## UM CONSELHO

— Vamos brincar, dizia o peralta Julio ao seu collega Luiz.

— Não, respondeu este; desculpe-me, mas recebi agora mesmo este livro interessante e quero lê-lo.

— Você não precisa lêr tanto; de qualquer fôrma é sempre o primeiro da classe.

— Si sou o primeiro, é porque leio e estudo sempre. Socegue, porém; á tarde terei tempo para brincar.

— Conte-me, então de que trata esse novo livro?

— Da Hygiene.

— Que é Hygiene?

— E' a arte de conservar a saude.

— Como deve sêr interessante! Vou-me sentar aqui perto. Você me deixa lêr junto?

— Com todo o prazer.

Os outros meninos, que esperavam Julio, vieram tambem rodear os leitores, e Luiz, condescendente, começou a leitura dum capitulo.

“Conheço alguém que móra numa linda casinha cheia, pôde-se dizer, de janellinhas. Porém o infeliz, ignorante, deixa todas as janellas fechadas, ou melhor, elle mesmo as fecha com pequeninas massas de pó.”

— Que gosto estragado!

— Priva-se de ar!

— A casa deve ficar humida!

— Não tem luz!

— Triste!

— Com mau cheiro!

Luiz teve que ouvir todas estas exclamações; depois continuou a leitura.

“O morador da esplendida habitação não tardará a vêr alterada a sua saude. Já advinharam de quem faço a descrição? E’ da pessoa que não tem hygiene, e não gosta do asseio.”

Os meninos se entreolharam, rindo-se.

— “A casinha cheia de janellas é o nosso proprio corpo. As janellas que imprudentemente a pessoa calafetou, são os póros da pelle — pequeninas, invisiveis, mas reaes e utilissimas janellinhas.

Quando a criança corre e corre bastante, pôde observar o rosto e os braços se cobrirem de gotazinhas d’agua. Passou o suor através das janellinhas abertas!

Mas não é só o suor que passa pelos póros; por elles respiramos tambem.”

— Que graça!

— Não acredito!

— Respirar por buraquinhos que a gente nem enxerga!

Luiz accrescentou então: — Querem ouvir até ao fim? E a um signal affirmativo dos collegas, continuou a leitura interrompida.

“Não devemos fechar essas janellinhas do nosso corpo. Isto só faz a pessoa sem asseio, deixando accumular sobre a pelle a gordura e o pó. Ora, a falta de asseio é não só uma fealdade como um perigo e um grave perigo!

Para provar esta verdade, eis o resultado duma experiência: cobriram um dia o corpo dum coelho com um liquido viscoso,

de tal sorte que todos os póros se fechassem, se tapassem bem. Em poucas horas o sangue esfriou e o animal morreu, como si o tivessem asphyxiado.

Quem levasse a falta de asseio ao ultimo grau, estaria condemnado á morte em pouco tempo.

Pelo contrario, que penhor de saude a limpeza cuidadosa, uma pelle asseada por abluções frequentes!”

Umás badaladas ao longe fizeram-se ouvir.

Os meninos levantaram-se, agradeceram a bondade do Luiz e, alegres, se encaminharam para o Grupo. Em caminho, Luiz accrescentou:

— Seria bom que muita gente lêsse essa historia. Escreva-a, Julio, no “Jornalzinho” da classe.

— Hei de escrevel-a e o titulo será: — “Um conselho.”

---

## O JARDIM DA VOVÓ

### III

(Continuação)

No jardim da vovó, mal raiou o dia, habilidosa aranha teceu delicada teia de fina seda, e quando vovó e Lulú saíram, encontraram o aranhol ainda cheio de orvalho, pendente duma roseira.

A pequena e astuta tecelã subia e descia pelos tenues fios, com suas oito fortes pernas, á medida que os seus oito vivos olhos observavam o que se passava ao seu redór.

Vovó viu-a primeiro e mostrou-a a Lulú.

— Oh! D. Aranha! venha me tecer uma renda bem bonita! exclamou Lulú.

Isto fez a vovó lembrar-se duma historia que costumava contar ao pae de Lulú, ali, nesse mesmo jardim, quando elle era menino.

Sentou-se vovó e repetiu ao netinho a historia seguinte:

Uma noite, ha muitos, muitos annos, no céu brilhava a lua, e scintillavam milhares de estrellas. Uma fadazinha, cheia de

sonhos, corria apressada em direcção do seu palacio encantado. Observou a lua e as estrellas para saber que horas eram, pois a *Rainha-Fada* tinha lhe recommendado que estivesse de volta antes do nascer do dia.

— “Vou chegar bem a tempo,” murmurou a pequena fada. Mas, ao passar pelas roseiras em flôr enroscou-se, embaraçou-se numa teia de aranha. Embora lutasse para se livrar, não o conseguiu.

Pôz-se então a chorar, pois sabia que a luz do dia faria desaparecerem os sonhos, e os que trazia consigo eram tão lindos!

Com suas azas embaraçadas na teia, era-lhe impossivel fugir. Teve que esperar o romper da aurora.

Assim que appareceu o sol, D. Aranha sahiu dos seus apontamentos e quando viu a prisioneira ficou radiante, pois pensou que tinha apanhado nova especie de mosca.

— “Por favor, D. Aranha,” exclamou a fadazinha, solteme!” Não sou mosca; sou apenas a *Fada dos sonhos*. Estou ansiosa por voltar ao palacio. Nem sei como encarar a *Rainha-Fada*, porque estou certa de que ella vae ficar muito zangada commigo.”

— “Porque?” perguntou D. Aranha. “Quem ousaria zangar-se com tão linda creatura?”

— “A nossa rainha é muito sevêra; gosta que se executem as suas ordens,” respondeu a fadazinha. “Mandou que eu estivesse de volta antes do nascer do dia, mas embaracei-me nesta teia... e aqui estou.”

— “Vou ajudal-a a sair,” disse D. Aranha. E ensinou-lhe a partir os delicados fios e a desembaraçar-se.

— “Agora vou tecer uma renda, que você offerecerá á *Rainha-Fada*, para que ella não se zangue.”

E D. Aranha pôz-se a trabalhar, e a fadazinha admirada, a observar. D. Aranha ia e vinha desprendendo de si, por muitos orificios, um liquido que, apenas se punha em contacto com o ar, se tornava em fios sobre os quaes a agua não tinha acção. Esses fios eram delicados, tão delicados, que um fio de cabello ao seu lado era rude e grosseiro. No fim dalguns minutos estava a renda prompta. Mais perfeita, mais delicada nunca se viu!

— “Muito, muito obrigada, D. Aranha! A rainha vae ficar mui contente com o seu presente, e com certeza lhe fará tecelá da sua côrte,” disse a fadazinha voando e desaparecendo pelo espaço além.

(*Continúa.*)

EU...

Eu sou criança travessa,  
 Porém má, isso é que não!  
 Eu tenho boa cabeça  
 E muito bom coração.

Si assim não fôsse, por certo  
 Ninguém me havia querido,  
 E me diriam, de perto:  
 — Que menino aborrecido!

Si puxo a cauda dum gato  
 E faço cruces na mão,  
 Si sou traquinas, de facto,  
 Tambem sei minha lição.

Não sou assim tão *levado*,  
 Jámais insulto a ninguem.  
 Na escola sou estimado;  
 Lá em casa me querem bem.

Afinal, eu sou pequeno...  
 Commigo ninguem se mette!  
 Quando estou no meu terreno,  
 Acabo *pintando o sete!*...

Iporanga, julho de 1925.

JOÃO DE SOUZA FERRAZ.

## O MILHO ROUBADO

Um homem cuidava da plantaçaõ dum rico fazendeiro.

Todas as tardes, quando recolhia a casa, tirava e levava comsigo uma porçaõ de milho. Carregou milho sufficiente para plantar um alqueire de terra.

Fez a plantaçaõ. O milho cresceu, muito bonito, muito mais viçoso que o do patrão.

Chegou o tempo da colheita; as espigas estavam cheias e maduras.

O empregado infiel contratou gente para colhel-as, pensando sempre que tinha sido feliz, pois as sementes não lhe haviam custado nada.

Na vespera da colheita, ao escurecer, foi vêr o milho e enlevava-se a contemplal-o, quando de repente um bando de macacos sahiu da matta proxima e invadiu a plantaçaõ.

Elle gritou, enxotou, mas os macacos não se iam embora.

O homem aborreceu-se bem, mas pensou: — o que me vale é que, por mais damnos que elles façam esta noite, não poderão comer todo o milho. Ainda terei boa colheita.”

Mas, como se enganou! Na manhã seguinte, quando chegaram os camaradas para colher o milho, não encontraram uma espiga sequer!

Os macacos as tinham carregado e depositado á porta do paiol do patrão de quem o empregado deshonesto havia roubado as sementes.

Eu não ouvi, mas *dizem* que os macacos, á medida que carregavam as espigas, iam cantando:

“E’ justo que um homem roube ao patrão?”

Ao que elles mesmos respondiam:

“Não, não, não!”

*Contam* ainda que o homem ficou muito envergonhado e nunca mais roubou.

---

## O GANSO AMBICIOSO

Um ganso muito ambicioso possuía um grande sacco de milho. Ia indo muito contente, quando se encontrou com um pombo topetudo, que lhe disse: — “Bons dias, senhor ganso! Que boa porção de milho tem o senhor! E’ muito peso para carregar sózinho! Não quer que eu leve parte da sua carga?”

— “Não, não,” respondeu o ganso. “A riqueza é mesmo uma grande carga. Mas, mesmo assim, não quero repartir o meu milho com ninguém”.

— “Eu me offereci só para ajudal-o, para lhe sêr util,” respondeu o pombo. “Com certeza o senhor gostaria de augmentar a sua riqueza. Eu sei dum plano para augmentar o seu milho, de minuto em minuto.”

— “Conte-me isso, logo,” disse o ganso, descansando o sacco de milho no caminho.

— “Em primeiro lugar, o senhor precisa espalhar todo o milho no chão, para que possamos contal-o.”

O ganso espalhou o milho e o pombo disse: — “Você conta daquelle lado, enquanto eu conto deste.” O ganso começou contando: um, dois, tres, quatro, cinco etc; e o pombo tambem: um, dois, tres, quatro etc., mas ia engulindo os grãos tão depressa como os ia contando.

Afinal, o ganso, levantando a cabeça, disse: — “Você está comendo o meu milho?”

Em resposta, o pombo voou, ruflando as azas ruidosamente.

O ganso ergueu o resto do milho e pôz o sacco ás costas. Foi andando e encontrou-se com uma cegonha.

— “Boa tarde, senhor ganso,” disse-lhe a cegonha. “Quanto milho! Deixe-me ajudal-o.”

— “Não; obrigado!” respondeu o ganso.

— “Você já esteve do outro lado deste tanque, atraz da quella pedra?” perguntou a cegonha.

— “Não,” respondeu o ganso. “Porque?”

— “Nunca vi tanta pedra preciosa como ha ali naquellas margens,” continuou a cegonha.

— “Não diga!...” falou o ganso, entrando na agua e nadando para a outra margem.

A cegonha ficou vigiando o sacco.

O ganso, não achando coisa alguma, voltou depressa e encontrou o sacco de milho mais vazio.

— “Você está comendo o meu milho!” disse, zangado.

A cegonha não respondeu. Soltou um agudo grito e lá se foi voando.

O ganso foi pela estrada afóra, e todas as aves com que encontrava lhe enganavam e tiravam milho.

Afinal, encontrou-se com um cavallo que lhe disse:

— “Si você não abrir esse sacco e arejar o milho, os carunchos darão conta delle.”

— “Carunchos! Não diga! Que devo fazer?” perguntou o ganso.

— “Traga o sacco e espalhe o milho aqui no cocho para arejal-o.”

— “Eu não vejo caruncho nenhum,” disse o ganso.

— “Deixe-me vêr,” tornou o cavallo.

E, á medida que ia olhando ia devorando o milho.

O ganso fez um grande barulho e tocou o cavallo. Pôz no sacco o pouco de milho que lhe restava, e lá se foi.

Mais tarde encontrou-se com o filho dum fazendeiro, que lhe perguntou:

— “O que leva, senhor ganso, nesse sacco tão grande?”

— “Toda a minha riqueza,” e contou-lhe como tinha sido roubado e enganado.

— “Ponha-o na terra; plante-o,” falou o menino, “e elle se multiplicará”.

— “Não será mentira?” perguntou tristemente o ganso. “Tenho sido enganado tantas vezes!”

— “Não, não. Nós agricultores fazemos isso diariamente e sempre vemos o que semeamos nascer, crescer e multiplicar-se.”

O menino preparou o sólo e o ganso plantou o milho.

Quando viu desaparecerem na terra os ultimos grãos do seu rico thesouro, ficou consternado e triste.

Mas o pequeno o consolou dizendo: “Seu milho vem logo.”

Finalmente veio a colheita e de cada grão que foi plantado nasceram centenas de grãos nas espigas.

O ganso deu metade ao rapazinho. O que elle possuia no começo era nada em comparação com o que tinha então.

---

## O QUE ME DISSE UM PASSARINHO

Um dia tive um convite  
De um galante passarinho  
P'ra ir, num galho florido,  
Visitar seu lindo ninho.

Disse-me elle baixinho  
— Isto até susto me deu —  
Gostarias de vêr um ninho?  
Pois vem vêr então o meu.

Mas, olha — muito cuidado,  
Não me vá, nelle tocar,  
Que não quero, nem de leve,  
Meus filhinhos assustar.

Vê como dormem, tranquillos,  
No bercinho que eu lhes fiz;  
— Sob o materno carinho  
Ai! quem não será feliz?

Agora, deixa este ninho;  
Nunca lhe ponhas a mão.  
Quem tira ninhos de aves,  
Tem muito mau coração.

CAROLINA RIBEIRO.

---

## A CASA QUE ELLES FIZERAM

Uma manhã, bem cedinho, um carneiro e um porquinho partiram, mundo afóra, a procura duma casa em que morar. Era seu maior desejo possuir sua casa.

— “Vamos construir nossa casa?” disse o carneiro.

— “Assim, a faremos ao nosso gosto,” respondeu o porquinho.

Viajaram por campos e bosques, hortas e pomares, quando se encontraram com um coelho.

— “Onde vão vocês dois?” perguntou o coelho.

— “Vamos construir nossa casa,” responderam o carneiro e o porquinho.

— “Posso morar com vocês?” perguntou o coelho.

— “O que sabe você fazer, para ajudar na construção?” perguntaram o carneiro e o porco.

O coelho coçou um pouco a orelha e disse:

— “Meus dentes afiados serram bem.”

— “Então, venha connosco”.

Partiram os tres. Lá, bem adiante, encontraram-se com um ganso.

— “Onde vão vocês tres?” perguntou o ganso.

— “Vamos edificar nossa casa”, responderam em côro o carneiro, o porco e o coelho.

— “Posso morar com vocês?” perguntou o ganso.

— “Si você puder ajudar na construção, venha.”

O ganso, com uma das pernas presas embaixo da aza, pôz-se a pensar por um minuto e depois disse:

— “Meu bico e minhas patas sabem amassar barro muito bem.”

— “Bravo! precisamos dum pedreiro! Venha connosco.”

Puzeram-se os quatro a caminho, e depois de muito tempo ouviram um gallo cantando num terreiro.

— “Onde vão vocês quatro?” perguntou o gallo.

— “Vamos construir nossa casa.”

— “Posso morar com vocês?”

— “O que pôde você fazer para nos ajudar?”

— “Eu posso cantar de manhã, para acordal-os,” disse o gallo. E abrindo e saccudindo as azas, deu-lhes uma amostra da sua voz.

— “Bem bom!” disseram o carneiro, o porco, o coelho e o ganso. “Venha connosco”.

Partiram os cinco. Caminharam, até que acharam um lugar que lhes pareceu bom para a construcção da sua casa.

O carneiro nos seus fortes chifres transportou o material ao lugar; o porco fabricou com barro os tijolos e as telhas; o coelho, com o seus afiados dentes, apparelhou a madeira; o ganso rebocou as paredes; e o gallo cantou todas as manhãs annunciando o amanhecer. E juntos viveram muitos annos na sua nova moradia.

---

## O QUE ME CONTOU UM RIO

Tantas vezes, tantas, quiz contar a minha vida ao mar; mas elle anda tão occupado com as marés, que não tem tempo para me ouvir!

Algumas vezes conseguí que uma ondazinha parasse para ouvir parte de minha historia. Mas a onda beijava a areia e fugia de repente.

Cochichei ao ouvido duma concha e a concha murmurou. Mas, quem entende o murmurio duma concha?

Por isso, crianças, vou-lhes contar a minha historia, a minha vida.

Nasci um simples fio d'agua muito, muito pequenino. Fui crescendo, crescendo, até chegar a sêr bem grande. Foi então que vi o mar pela primeira vez. Como me pareceu immenso! Eu era grande, mas não podia me comparar com a vastidão do oceano. A principio tive medo, mas o mar me recebeu tão bem, que eu me senti perfeitamente a gosto, principalmente depois que

reparei no grande numero doutros rios que tambem nelle entravam.

Mas... voltemos á minha historia. Fui feliz por muito tempo. Passaros multicôres encantavam-me com os seus gorjeios. Minha unica occupação era reflectir os objectos nas minhas aguas. Isso era muito divertido. E eu sei que reproduzia bellos retratos; a lua sempre sorria alegremente, quando via sua linda imagem em mim reflectida. O seu cortejo de estrellas tambem se déleitava em scintillar no meu espelho. Difficil era reflectir as nuvens, pois corriam, ás vezes bem depressa. E quando eu tinha de trabalhar e trabalhar bastante, era quando a briza se lembrava de brincar commigo: estragava todos os meus quadros.

Depois, eram as embarcações que vinham sulcar as minhas aguas. A principio eram leves, pequenas; mais tarde, grandes e pesadas. Eu não gostava muito de transportal-as, mas depois fui-me convencendo da utilidade das suas cargas e hoje tenho prazer em sêr util e não me pesa o maior dos vapores oceanicos.

De todas as embarcações que sulcam as minhas aguas, as de que eu mais gosto são as que levam a bandeira auri-verde, que eu sei retratar tão bem! Procuro sempre reproduzir nitidamente a sua imagem: o rectangulo, o lozango e no centro a esphera estrellada.

Talvez algum dia vocês atravessarão o mar e delle ouvirão os seus segredos; ahi saberão porque é que os rios gostam de se lhes chegar. Viajando, conhecerão muitos rios doutras terras. Dizem que os ha e muito bonitos. Contar-lhes-ão as suas vidas? Talvez o façam, pois com as crianças os rios gostam de conversar.

Escutem-n-os bem e delles ouvirão coisas interessantes.



## MINHA TERRA

Uma terra abençoada  
Muito longe, ignorada,  
Um jardim, uma delicia, —  
Era um eden, um thesouro:  
Natureza — uma caricia;  
Era o veloccino de ouro.

Grandes rios caudalosos  
Dando saltos vigorosos,  
Aromaticas montanhas  
Dominando o azul do mar,  
A formar lindas peanhas  
A' floresta secular,

Onde as aves multicôres,  
Cantar pôdem seus amores  
Sobre os leques da palmeira,  
Ou nos galhos perfumosos  
Fabricar, qual a primeira,  
Os seus ninhos assombrosos! . . .

E, no seio desta terra,  
Que riqueza não se encerra  
Em prata, ouro e diamantes!  
Pois um sólo tão fecundo  
Em minerios e brilhantes  
Abastecer pôde o mundo!

Mas o mar, sempre discreto,  
Dando o ambar mais selecto,  
Occultava a toda a gente  
O torrão tão bem fadado,  
Para dal-o de presente  
A um povo muito amado: —

Brava gente portugueza  
Que aos Doges de Veneza  
O mercado disputava  
Da Mongol, da India e Chinas,  
E que muito desejava  
Impôr o pendão das quinas.

Esses bravos argonautas,  
Como verdadeiros nautas,  
Destemidos, arrojados,  
Pela patria affrontavam  
Em navios bem armados,  
Os vagalhões que sulcavam.

Após o rumo do Gama  
De grande e soberba fama,  
Manoel — o venturoso,  
Apromptar fez uma frota,  
E a chefe valoroso  
Confia a sua derrota.

Sahiu pois de Portugal  
Nosso almirante Cabral;  
Fez-se ao mar com sua gente.  
E as naus já vão singrando  
A caminho do Oriente,  
Os vagalhões apartando,

Quando o bravo capitão  
Achou boa occasião  
De mudar para o Occidente  
O caminho de sua frota.  
Fez a maruja sciente  
Seguindo assim nova rôta.

Breve, toda a marinhagem,  
Que é levada em branda aragem,  
De terra avistou signal,  
O capitão consciente,  
De alegria sem equal.  
Para a terra seguiu, crente.

Eis assim descortinado  
Ao mundo inteiro assombrado,  
Esta terra, este thesouro,  
O nosso Brasil amado!  
Foi o velocino de ouro  
Por argonautas achado!

ALTINA RODRIGUES A. FREITAS.



# METHODOLOGIA

## PROCESSO EDUCATIVO SUA NATUREZA E ELEMENTOS

(A. TOMPKINS. — Trad.)

(Continuação)

3. Mas de que modo esta lição se dirige á *vontade*? Certamente não duma maneira a causar qualquer resolução e acção definida. Mas ha poder de vontade sob a fórma de tendencia. O alumno gozou da verdade até ao ponto de se tornar um amante della e portanto com tendencia a sêr um pesquisador da verdade. Não temos nós a convicção de que toda lição modifica de qualquer fórma a corrente da vida? Não deve o professor tratar em toda lição de fortalecer essa tendencia em procurar a verdade, a belleza e a virtude? Em palestra geral e abstracta falamos do poder educativo na formação do character, mas quão poucos de nós nos lembramos disso, no acto de ministrar nossa lição! Não nos convencemos de que tendencias de character estejam se formando sob a nossa influencia.

Aqui o professor pôde chegar ao verdadeiro alvo da inspiração. A inspiração vem na consciencia da realização de ideaes. O verdadeiro professor idealizou uma nórma de character a que deve chegar o alumno sob sua direcção; e quando sente a realização do seu ideal através do seu ensino, elle experimenta aquelle arrebatamento que sempre acompanha a realização de ideaes.

O professor assim é reflectido no seu trabalho, do mesmo modo que o alumno é reflectido na pyramide. Elle assim gasta não só o seu tempo, mas a sua vida no trabalho; pôde viver nelle e não simplesmente delle.

Para maior clareza, vamos accrescentar uma illustração a mais no processo educativo.

Supponhamos que um *primeiro anno* tenha aprendido a palavra *menino*, e que agora vá aprender o seu plural *meninos*.

O PROCESSO MENTAL. — *O processo como um totum.* — O conhecimento relativo mais intimamente relacionado sendo o das palavras faladas — *menino, meninos*, e o da palavra impressa — *menino*, o movimento, como um todo, vae destas idéas á idéa da palavra impressa — *meninos*.

#### PASSOS NO PROCESSO: — .

1. Vêr a palavra;
2. Imaginar a significação através da fôrma;
3. Comparar a imagem com a fôrma singular;
4. Comparar a fôrma com a fôrma singular;
5. Deduzir que o valor do *s* produz a differença nas imagens.

#### MEIOS NO PROCESSO: —

1. Apresentar a palavra á vista no mappa ou no quadro-negro.
2. Dizer á classe que a palavra que se aponta é — *meninos*.

(Aqui o professor aproveita-se do conhecimento que os alumnos têm da idéa e da palavra falada — *meninos*.)

Pede-se que um alumno illustre o que a palavra significa, e elle traz á frente da classe dois meninos. Pede-se que um outro illustre a significação e elle apresenta tres ou quatro meninos. Isto repetido, até que todos os alumnos da classe sejam apresentados ao mesmo tempo; e pelo mesmo processo insiste-se com a classe, até que através da palavra, elles imaginem todos os meninos da cidade, do municipio, do estado, dos Estados Unidos, do mundo. Assim, serão levados a sentir a maravilhosa extensão do mundo.

3. A classe deve agora mostrar alternativamente o que significam as palavras *menino* e *meni-*

nos, e concluir com uma exposição sobre a differença de significação.

4. Convidar os alumnos a apontar as letras que são eguaes e aquella que é differente.

5. Com a palavra *meninos* na frente da classe, exigir que os alumnos fórmem a imagem. Agora, apagar a letra *s* e exigir a imagem. Isto repetido, até que os alumnos sintam o poder da letra que faz a imaginação abranger todos os meninos. Depois pedir a modificação que a letra *s* faz na palavra *menino*, e as conclusões procuradas serão attingidas.

Notae que á medida que os passos mentaes são firmados, os meios empregados poderão variar. Os meios aqui mencionados são apenas para sugerir de que modo devem elles amoldar-se ao processo mental a sêr produzido. Ainda, todo uso engenhoso de artificios depende duma percepção prompta e exacta do movimento da mente ao aprender.

(Continúa.)

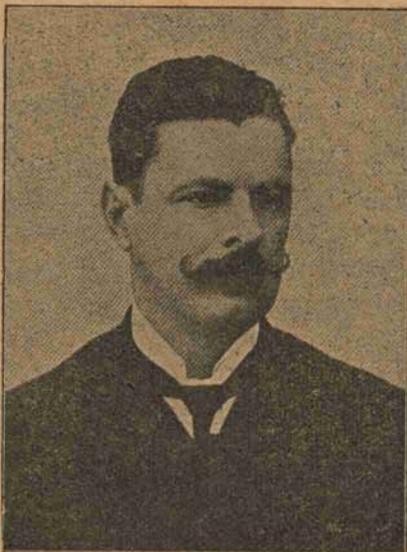




# VULTOS E FACTOS

GALERIA NACIONAL

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)



DR. VITAL BRASIL

Assim como a luz brilhante do sol varre as trevas da noite, a luz de muitos sóes que já tombaram no occaso do Além, e de outros que ainda fulguram em pleno zenithe de seu esplendor, conseguiu varrer desta Patria gigantesca o velho scepticismo, o arraigado pessimismo — *só é bom o que é estrangeiro* — penumbra onde jazia mergulhada nossa grande terra, hoje desvendada aos olhos do mundo inteiro, orgulhosa e invejada!

Que sóes foram esses que operaram essa magia miraculosa?

Lembrae-vos, crianças, dos vultos eminentes, que palpitam e viverão eternamente nas paginas de nossa Historia!

Recordae-vos dos estadistas notaveis, oradores maiores que os Pitt e os Mirabeaus; literatos e jornalistas de escól; poetas maravilhosos; artistas perfeitos do som, das côres e das fórmãs, universalmente admirados; hygienistas sem egual; scientistas notaveis! . . .

Lembrae-vos de toda essa multidão que constitue o nosso Brasil mental, e então ficareis sabendo quaes foram os sóes que conseguiram arrebatãr o Brasil do cáos tenebroso do desconhecido, onde os scepticos em vão procuravam retel-o.

Impossivel citar-vos, crianças, o nome dos homens illustres que elevaram alto, muito alto a nossa Patria!

“Impossivel! Si tentassemos uma evocação, desfilaria deante de nossa visão alargada pelo assombro, uma procissão infinita de luzes, como si os astros tivessem descido das alturas para se personalizarem na terra, nos gigantes que passam levando na frente a opulencia do zenithe e a harmonia emocional do sete-estrêllo!”

Eis porque nos seria impossivel citar toda a prodigiosa intellectualidade brasileira!

Cultuemos, por emquanto, o vulto respeitavel do medico sabio — Dr. Vital Brasil — “a columna, onde se apoia a rigida sciencia.”

“Galgando o ponto mais elevado da montanha do triumpho contra as bacterias,” rouba á morte milhares de individuos que succumbiriam mortalmente feridos pelo *virus* da serpe ferina, si não tivesse surgido no seio da brasileira terra, um genio incomparavel de sabedoria, que, desvendando as legiões invisiveis da morte, contra ellas declarou uma guerra sem treguas, vencendo esplendorosamente!

Commemorando a victoria alcançada pelo seu grande filho, o Brasil, no seio da opulenta São Paulo, ergueu o notavel Instituto de Butantan, orgulho dos brasileiros, admiração dos estrangeiros.

O precioso monumento foi confiado á culta administração do genio que o mereceu.

Delle, infelizmente, estive afastado por algum tempo, substituido por um estrangeiro, como si fôsse facil encontrar um homem capaz de substituil-o condignamente!

Essa substituição, longe de diminuir o valor do sabio, que por uma curiosa coincidência traz como sobrenome o nome desta grande Patria, elevou-o ainda mais, e com elle o Brasil!

Mais uma vez ficou bem patente, bem claro, o valor desse brasileiro.

Ficou para sempre firmado que no Brasil nós temos *tudo*.

Mais admirada se tornou a obra e maior ainda a personalidade illustre do emerito Dr. Vital Brasil — o insubstituivel.

Felizmente, o nosso actual governo foi buscal-o no Rio de Janeiro, onde espargia perennemente a luz de seu alto saber, e novamente, em boa hora, o collocou junto ao Instituto que é seu, onde sabia e pacientemente vae preparando novos *serums* que milagrosamente restituem a vida aos infelizes contaminados por bacillos mortiferos.

E o Instituto de Butantan, que é o Pantheon indestructivel de nossas glorias, deante do qual nos descobrimos respeitosos e orgulhosos, ensinará ás gerações vindouras, quem foi o Dr. Vital Brasil, e falará alto, muito alto, do valor de nossa gente, da grandeza de nossa Patria, deste Brasil que ha de sêr feliz, poderoso e unido!

---

\*\*\*\*\*

# MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

---

## AS ESTAÇÕES DA VIDA

(LETRA DA MUSICA ANNEXA)

### I

Embalada por canticos ternos,  
No regaço, feliz, adormece  
A rainha dos gozos maternos,  
Que a grandeza do amor não conhece.

#### *Estrilho*

Impregnemos essa alma de amor;  
Não deixemos a fé vacillar  
Nesse peito ignorante da dôr  
Que reside na terra e no mar.

### II

Vem depois innocente, medrosa,  
Procurar os sorrisos da escola  
Que lhe mostra a Natura affectuosa,  
Que corrige, castiga e consola.

#### *Estrilho*

Impregnemos essa alma de amor;  
Não deixemos a fé vacillar  
Nesse peito ignorante da dôr  
Que reside na terra e no mar.

### III

E depois, o declinio da vida,  
Negro throno, onde impéra a saudade,  
Dos prazeres de gloria mentida,  
Que procura occultar a verdade!

#### *Estrilho*

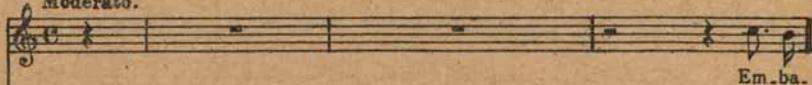
Impregnemos essa alma de amor;  
Não deixemos a fé vacillar  
Nesse peito ignorante da dôr  
Que reside na terra e no mar.

# As Estações da Vida

Letra de Virgilio Quaglio.

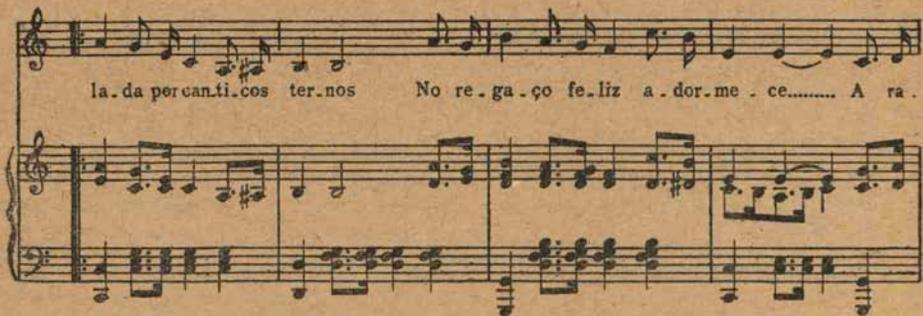
Musica de A. D. A.

*Moderato.*

CANTO.  Em.ba.

PIANO. 

la. da percan.ti.cos ter.nos No re.ga.ço fe.liz a.dor.me.ce..... A ra.



*Estríb.*

i.nha dos go.sos ma.ter.nos..... Que a grande.za do amor não co.nhe.ce Im.preg.



2691

ne.mos essa al.ma de a . mor..... Não dei . xe . mos a fé va . cil . lar,..... Nes . se

*f* *p*

Detailed description: This system contains the first two staves of the musical score. The top staff is a vocal line in treble clef, and the bottom staff is a piano accompaniment in bass clef. The music is in a 2/4 time signature and a key signature of one flat (B-flat). The vocal line begins with a melodic phrase, followed by a longer note with a slur. The piano accompaniment consists of chords and rhythmic patterns. Dynamics markings 'f' and 'p' are present.

pei . to . ig . no . ran . te da dôr..... Que re . si . de na ter . ra e no mar.....

*Fim.* *Fim.*

9001

Detailed description: This system contains the second two staves of the musical score. The top staff is a vocal line in treble clef, and the bottom staff is a piano accompaniment in bass clef. The music continues from the first system. The vocal line ends with a final note marked 'Fim.'. The piano accompaniment also concludes with a final chord marked 'Fim.'. A small number '9001' is printed in the bottom left corner of the page.





# PAGINA DA CRIANÇA

## EXERCICIOS DE RACIOCINIO

Murmuro sempre, mas nunca choro.

Embora não durma, estou sempre no leito.

Minha boca é maior do que minha cabeceira.

Não tenho pernas nem pés, mas corro muito. E quanto mais quédas dou, mais depressa corro.

\*  
\*\*

Um de nós tem cabeça e não tem olho; outro, olho tem, mas não tem cabeça.

Quem somos? Digam-nos, façam o favor.

\*  
\*\*

Não sou animal e tenho pernas. Si animal eu fôsse, seria quadrupede. Nem flôr nem fruta eu sou, mas tenho folhas, ás vezes poucas, ás vezes muitas.

Ainda não sabem? Então, escutem lá: ovo não sou, mas sou diariamente posta.

\*  
\*\*

Não sou ave, mas ponho ovos. Da cobra só tenho a cabeça. Gosto de banhar-me nos mares. Tenho uma irmã que se banha nos rios e outra que não gosta muito de se lavar. Não façam isso crianças, pois é muito feio e faz mal á saude.

Não conheço a tão falada *crise da habitação*; pois a minha casa carrego-a ás costas.

Quando eu morrer, deixarei para vocês a minha carne que é muito saborosa, sem mosdestia, e a minha casa que, si não

servir para vocês morarem nella, poderá sêr transformada em muitos objectos uteis.

\*  
\*\*

Sempre *elle*. *Ella*, só por excepção e vive debaixo da agua.  
*Elle* e *ella*, porém, produzem *elles* e *ellas*.

\*  
\*\*

Sou bonita, ou feia; grãde, ou pequena; magra ou gorda; preta ou branca; amarella, ou vermelha. Enxergo tudo, sinto os cheiros e tenho boca. Tenho muitos donos. Aos animaes eu pertenco. Ha, porém, um risquinho, que collocado sobre mim, á maneira duma varinha de condão das fadas, me transfórma completamente. Muda-me até de dono. Passo a pertencer a um vegetal.





# EDUCAÇÃO PHYSICA

## JÓGOS ESCOLARES

O professor deverá modificar as regras dos diferentes jógos, conforme a idade dos alumnos, o espaço destinado aos mesmos jógos etc.

### I

#### DOIS-TRES

Os alumnos, aos pares, fórmam círculos duplos, todos virados para o centro. Entre os pares devem ficar espaços.

Escolhe-se um pegador e um alumno para sêr pegado. O pegador córre atraz do outro que, para salvar-se, entra e sãe entre os pares.

Quando o alumno perseguido vê-se em muito perigo, córre e põe-se na frente dum par, assim fazendo *tres*, o que não poderá sêr. Destes *tres*, aquelle que ficar mais para a rectaguarda, será agora perseguido e experimentará escapar ao pegador. Os outros dois darão um passo á rectaguarda.

Quando um alumno fôr pegado, os papeis reverter-se-ão. Este jogo aguça a agilidade e a attenção.

### II

#### PASSOS DE ELEPHANTE

Traçam-se duas linhas com o intervallo duns dez metros. Destaca-se um alumno, que fica de costas voltadas para os companheiros, numa das linhas.

O resto da classe occupa, hombro a hombro, a outra linha. O alumno destacado conta de 1 a 10, devagar, ou depressa,

regular ou irregularmente, mas em voz alta. Enquanto elle conta, os outros devem chegar á linha em que se acha o contador, tão depressa como puderem, mas *andando*, e andarão só quando elle estiver contando. Si interromper a contagem, deverão parar de andar.

Quando o contador disser *dez*, vira-se immediatamente. Qualquer criança que esteja andando ou que não chegue á linha do contador, terá que voltar a começar outra vez. O ultimo a chegar á linha do contador, tomará o seu lugar.

### III

#### PASSA-BÓLA

Dividam-se os alumnos em filas eguaes, que jogarão simultaneamente, assim:

A um signal convencionado, o primeiro jogador passa, por cima da sua cabeça, e para traz, uma bóla ao segundo, e este ao terceiro etc. O ultimo da fila, ao receber a bóla, corre com ella á frente da sua fila e passa a bóla novamente para traz. Assim por diante, até que todos os jogadores duma fila tenham corrido, tenham sido os primeiros da sua fila.

A fila cujo primeiro jogador chegar primeiro a ocupar novamente o primeiro lugar, será a fila vencedora.

Este jogo poderá tambem sêr feito com saquinhos de areia em lugar de bólas.

Quando esses forem usados, póde-se tornar mais divertido o jogo, fazendo os jogadores pegar o saquinho com a mão esquerda, passal-o para a direita para depois jogal-o ao companheiro de traz.

À bóla ainda póde sêr passada entre as pernas, em vez de passar sobre as cabeças.



---

# NOTÍCIAS

---

## ARNALDO BARRETO

Em homenagem á memoria do distincto educador paulista Arnaldo de Oliveira Barreto, os lentes e alumnos da Escola Normal da praça realizaram uma sessão funebre, no dia 24 do mez p. findo, trigesimo dia do passamento daquelle illustre extincto.

A' sessão, que se effectuou no referido estabelecimento, compareceram, além dos professores e alumnos da Escola e familia do homenageado, os Srs. Dr. José Manoel Lobo — Secretario do Interior, Prof. Pedro Voss — Director Geral da Instrucção Publica, grande numero de inspectores-escolares, representantes da imprensa e da Escola Normal do Braz, directores e professores de grupos-escolares, amigos e admiradores do inolvidavel professor.

Após a execução dos differentes numeros do programma, encerrou a sessão o Sr. Dr. Secretario do Interior, em cuja brilhante oração disse que o Governo do Estado se associava áquella homenagem, com toda sinceridade e justiça, porquanto si os collegas e discipulos de Arnaldo Barreto baseavam os seus sentimentos no perfeito conhecimento dos diversos aspectos da vida do saudoso mestre, sempre dedicada ao apostolado do ensino, os homens do governo tambem não ignoravam o valor dessa mesma vida; que, não obstante Arnaldo Barreto fulgurar ao lado de muitos professores paulistas que, como elle, continuarão sempre a servir a patria nessa nobre cruzada do ensino, sua memoria é credora de todas as homenagens que lhe prestem os collegas, os discipulos e a sociedade.

Referindo-se, finalmente, a palavras da oradora do 5.º anno misto, concluiu dizendo que o governo esperava que Arnaldo Barreto continuasse a viver no espirito dos seus discipulos.

E assim terminou a sessão em que foi, com toda justiça, consagrada a memoria dum dos mais emeritos educadores paulistas.

---

SECRETARIA DO INTERIOR

ACTOS DIVERSOS

Decreto n.º 3858, de 11 de junho de 1925, que refôrma  
a instrucção publica do Estado de S. Paulo

(Continuação)

TITULO XIII

DAS ESCOLAS NORMAES

ART. 45. — Além da Escola Normal da Praça da Republica, manterá o Governo mais outras escolas normaes de typo igual entre si, para a formação de professores dos cursos primarios e complementares.

§ 1.º — As escolas normaes, que não comportarem secção masculina separada, funcionarão com classes mixtas, excepto a do Braz, que será feminina.

§ 2.º — O curso das escolas normaes é de cinco annos.

ART. 46. — São materias do programma: portuguez e calliphasia; litteratura e historia da lingua; francez, inglez e latim; geographia da America e do Brasil; cosmographia e geographia geral; historia da civilização, da America e do Brasil, especialmente; arithmetica, algebra e geometria; physica, chimica, anatomia e physiologia humana, biologia, hygiene e noções de puericultura; psychologia, pedagogia e didactica; noções de direito usual; desenho; trabalhos manuaes; musica; gymnastica.

ART. 47. — Em cada escola normal haverá, sob a regencia do professor de musica respectivo, um Orpheon Escolar.

§ 1.º — O Orpheon Escolar terá por fim sustentar e divulgar a musica nacional, despertar e cultivar o sentimento patriotico e o gosto esthetico da mocidade brasileira.

§ 2.º — A escolha das letras e das musicas deve recair sobre producções de autores nacionaes.

§ 3.º — Com excepção dos hymnos das outras nações, não será permittida no Orpheon Escolar, letra em outro idioma que não seja o nacional.

ART. 48. — Os professores das escolas normaes são de tres categorias: cathedaticos, commissionados e contratados.

§ UNICO. — Os vencimentos do pessoal das escolas normaes e dos gymnasios serão os das tabellas n.ºs 4, 5, 8 e 9.

ART. 49. — O corpo docente das escolas normaes compor-se-á de:

- um lente de portuguez e calliphasia;
- um lente de portuguez, literatura, historia da lingua e latim;
- um lente de francez e inglez;
- um lente de chorographia do Brasil, cosmographia e geographia geral;
- um lente de historia da civilização, historia da America, especialmente do Brasil, e noções de direito usual;
- um lente de mathematica;
- um lente de biologia, hygiene, anatomia e physiologia humana e noções de puericultura;
- um lente de physica e chimica;
- um lente de psychologia e pedagogia;
- um professor de didactica;
- um professor de desenho;
- um professor de musica;
- um professor de trabalhos manuaes;
- uma inspectora-professora de trabalhos manuaes;
- um professor de gymnastica;
- uma professora de gymnastica;
- um auxiliar de marcenaria;
- um auxiliar de modelagem;
- um preparador de physica e chimica;
- um encarregado do gabinete de psychologia experimental.

§ UNICO. — O Governo contratará um professor para a cadeira de inglez, no caso de a recusar o lente de francez, actualmente em exercicio.

ART. 50. — O corpo docente da Escola Normal da Capital compôr-se-á de:

- um lente de portuguez e calliphasia;
- um lente de portuguez, literatura e historia da lingua;
- um lente de latim;
- um lente de francez;
- um lente de inglez;
- um lente de chorographia do Brasil, cosmographia e geographia geral;
- um lente de historia da civilização;
- um lente de historia da America, especialmente do Brasil e noções de direito usual;
- um lente de mathematica (arithmeticamente e algebra);
- um lente de mathematica (geometria plana e no espaço);
- um lente de physica e chimica;
- um lente de biologia, hygiene e anatomia e physiologia humana e noções de puericultura;
- um lente de psychologia e pedagogia;
- um professor de didactica;
- um professor de desenho;
- uma professora de desenho;
- um professor de musica;
- uma inspectora-professora de trabalhos manuaes;
- um professor de trabalhos manuaes;
- uma professora de gymnastica;
- um professor de gymnastica;
- um auxiliar de marcenaria;
- um auxiliar de modelagem;
- um preparador de physica e chimica;
- um encarregado do gabinete de psychologia experimental.

§ 1.º — O cargo de professor de desenho para o sexo feminino será supprimido logo que vagar, de accordo com o decreto n.º 2.367, de 14 de abril de 1913.

§ 2.º — Os professores contratados poderão, após cinco annos de exercicio, requerer a sua effectivação ao Governo, que a concederá ou não, depois de ouvido o director da escola.

ART. 51. — As materias do programma serão assim distribuidas em cada secção, masculina, ou feminina, ou mista:

## 1.º ANNO

Portuguez e calliphasia . . . . .	3 aulas por semana
Francez . . . . .	4 " " "
Geographia da America e especialmen- te Geographia do Brasil . . . . .	3 " " "
Arithmetica e Algebra . . . . .	5 " " "
Desenho (secção feminina) . . . . .	3 " " "
Desenho (secção masculina) . . . . .	3 " " "
Trabalhos manuaes (secção feminina) . . . . .	2 " " "
Trabalhos manuaes (secção masculina) . . . . .	2 " " "
Musica . . . . .	2 " " "
Gymnastica (secção feminina) . . . . .	2 " " "
Gymnastica (secção masculina) . . . . .	2 " " "
Total . . . . .	24 " " "

## 2.º ANNO

Portuguez e calliphasia . . . . .	3 aulas por semana
Francez . . . . .	3 " " "
Cosmographia e geographia geral . . . . .	3 " " "
Algebra (revisão) . . . . .	2 " " "
Geometria plana . . . . .	3 " " "
Physica . . . . .	3 " " "
Desenho (secção feminina) . . . . .	2 " " "
Desenho (secção masculina) . . . . .	2 " " "
Trabalhos manuaes (secção feminina) . . . . .	1 " " "
Trabalhos manuaes (secção masculina) . . . . .	1 " " "
Musica . . . . .	2 " " "
Gymnastica (secção feminina) . . . . .	2 " " "
Gymnastica (secção masculina) . . . . .	2 " " "
Total . . . . .	24 " " "

## 3.º ANNO

Portuguez e literatura . . . . .	2 aulas por semana			
Latim . . . . .	2	"	"	"
Inglez . . . . .	2	"	"	"
Historia da civilização . . . . .	4	"	"	"
Geometria plana (revisão) e no espaço	2	"	"	"
Physica e chimica . . . . .	3	"	"	"
Anatomia e physiologia humana . . . . .	3	"	"	"
Desenho (secção feminina) . . . . .	2	"	"	"
Desenho (secção masculina) . . . . .	2	"	"	"
Trabalhos manuaes (secção feminina) . . . . .	2	"	"	"
Trabalhos manuaes (secção masculina) . . . . .	2	"	"	"
Musica . . . . .	1	"	"	"
Gymnastica (secção feminina) . . . . .	1	"	"	"
Gymnastica (secção masculina) . . . . .	1	"	"	"
Total . . . . .	24	"	"	"

## 4.º ANNO

Portuguez e literatura . . . . .	2 aulas por semana			
Latim . . . . .	2	"	"	"
Inglez . . . . .	2	"	"	"
Historia da America e especialmente do Brasil . . . . .	3	"	"	"
Chimica (sendo uma aula pratica) . . . . .	2	"	"	"
Biologia . . . . .	2	"	"	"
Didactica . . . . .	2	"	"	"
Psychologia . . . . .	3	"	"	"
Desenho (secção feminina) . . . . .	2	"	"	"
Desenho (secção masculina) . . . . .	2	"	"	"
Trabalhos manuaes (secção feminina) . . . . .	1	"	"	"
Trabalhos manuaes (secção masculina) . . . . .	1	"	"	"
Musica . . . . .	1	"	"	"
Gymnastica (secção feminina) . . . . .	2	"	"	"
Gymnastica (secção masculina) . . . . .	2	"	"	"
Total . . . . .	24	"	"	"

## 5.º ANNO

Historia da lingua . . . . .	2 aulas por semana			
Latim . . . . .	2	"	"	"
Inglez . . . . .	2	"	"	"
Hygiene . . . . .	2	"	"	"
Noções de direito usual . . . . .	2	"	"	"
Pedagogia . . . . .	3	"	"	"
Didactica . . . . .	4	"	"	"
Desenho (secção feminina) . . . . .	2	"	"	"
Desenho (secção masculina) . . . . .	2	"	"	"
Trabalhos manuaes (secção feminina) . . . . .	2	"	"	"
Trabalhos manuaes (secção masculina) . . . . .	2	"	"	"
Musica . . . . .	2	"	"	"
Gymnastica (secção feminina) . . . . .	1	"	"	"
Gymnastica (secção masculina) . . . . .	1	"	"	"
Total . . . . .	24	"	"	"

ART. 52. — O provimento das cadeiras creadas por esta Lei será feito livremente pelo Governo, em suas primeiras nomeações, e o das que se vagarem, por nomeação interina, durante tres annos.

§ 1.º — No fim dos tres annos, provada a capacidade intellectual e technica, e mediante proposta do director da escola, será o candidato nomeado effectivamente.

§ 2.º — O Governo contratará livremente os professores de desenho, musica, trabalhos manuaes e gymnastica.

§ 3.º — Para a cadeira de didactica será commissionada, por proposta do director da escola, pessoa de inteira confiança deste, que gozará das mesma regalias dos effectivos, menos da vitaliciedade.

ART. 53. — O lente ou professor que der durante o anno, trinta faltas injustificadas, perderá a cadeira, ou aula.

ART. 54. — Haverá exames de admissão á matricula no 1.º anno para preenchimento de 30 % das vagas, reservando-se os outros 70 % aos alumnos diplomados pela escola comple-

mentar annexa, mediante o concurso entre elles, quando forem em numero superior ao dos logares reservados.

§ UNICO. — A taxa de matricula será a da tabella n.º 10.

ART. 55. — O exame de sufficiencia versará sobre as materias do curso complementar.

ART. 56. — O pessoal administrativo das escolas normaes compõe-se de:

- 1) 1 director;
- 2) 1 vice-director;
- 3) 1 secretario;
- 4) 1 bibliothecario;
- 5) 1 3.º escriturario;
- 6) 1 inspectora, accumulando o cargo de professora de trabalhos;
- 7) 1 porteiro;
- 8) 4 continuos (um do sexo feminino);
- 9) o numero de serventes necessarios;
- 10) um jardineiro;

§ 1.º — A Escola Normal da Capital terá, além desse pessoal, mais:

- 1) 1 1.º escriturario;
- 2) 1 2.º escriturario;
- 3) 3 auxiliares de inspectora;
- 4) 1 auxiliar de vice-director;
- 5) 1 1.º jardineiro e dois jardineiros auxiliares;
- 6) 2 continuos;
- 7) o numero de serventes necessarios.

§ 2.º — Os actuaes funcionarios, cujos cargos se supprimam, serão conservados em seus respectivos logares.

ART. 57. — No Jardim da Infancia serão matriculadas crianças de mais de tres annos e de menos de sete annos de idade.

ART. 58. — A orientação do seu ensino deverá obedecer, em parte, ao systema de Montessori, cujos apparatus serão nelle usados.

§ UNICO. — O curso do Jardim da Infancia será de tres annos, ou tres periodos.

ART. 59. — O pessoal do Jardim da Infancia consta de: 1 inspectora, 1 auxiliar de inspectora, 8 professoras, 1 porteiro, 1 guardião e duas serventes.

§ UNICO. — Os vencimentos do pessoal do Jardim da Infancia serão os da tabella n.º 6.

ART. 60. — Os alumnos que completarem o terceiro periodo, serão promovidos para o 1.º anno da escola-modelo.

ART. 61 — Os grupos-escolares-modelo, annexos ás escolas normaes, passam a denominar-se escolas-modelo e regem-se, em tudo, pelas disposições do Regulamento Geral da Instrucção Publica, relativo ao ensino primario.

ART. 62. — O curso das escolas complementares será de dois annos, sendo cada um regido por um só professor.

§ UNICO. — A taxa de matricula será a da tabella n.º 10.

ART. 63. — O programma das escolas complementares será apenas um desenvolvimento do curso primario, accrescido da lingua franceza, algebra e geometria, em suas noções mais elementares.

ART. 64. — Para as novas escolas que se crearem, serão nomeados normalistas com tres annos de pratica, independentemente de concurso, entre professores de escolas urbanas ou adjuntos de grupos-escolares.

§ UNICO. — Para as escolas complementares, na Capital, só poderão sêr nomeados professores normalistas já em exercicio na Capital.

ART. 65. — Os professores das escolas complementares são obrigados ao ensino de todas as materias do programma.

§ UNICO. — Os vencimentos dos professores das escolas complementares, serão os da tabella n.º 7.

ART. 66. — O curso da Faculdade de Educação é de tres annos, com frequencia obrigatoria para todos os alumnos.

ART. 67. — O programma da Faculdade de Educação consta das seguintes materias, assim distribuidas pelos tres annos do curso:

1.º ANNO

Literatura nacional e comparada;  
Physiologia applicada á Hygiene e ao Trabalho;  
Psychologia Geral;  
Economia Social.

2.º ANNO

Literaturas Estrangeiras;  
Psychologia das crianças e suas applicações;  
Logica Inductiva e Deductiva;  
Sociologia Juridica.

3.º ANNO

Educação da Intelligencia e Educação Moral;  
Historia da Philosophia;  
Historia da Civilização Nacional;  
Systemas antigos e modernos de Educação.

ART. 68. — A Faculdade ficará sob a direcção do director da Escola Normal da Capital, e terá doze professores, um secretario, dois preparadores, sendo o resto do pessoal o mesmo da Escola Normal da Capital.

ART. 69. — Terão direito á matricula na Faculdade todos que tiverem completado o curso das escolas normaes ou dos gymnasios.

§ UNICO. — Haverá uma taxa de matricula, a da tabella n.º 10.

ART. 70. — A congregação, formada pelos lentes da Faculdade, não poderá funcionar sem a presença da maioria dos lentes em exercicio.

ART. 71. — Os diplomados pela Faculdade de Educação terão preferencia para os cargos de professores e directores das escolas normaes, gymnasios, secretarios e preparadores da Faculdade, independendo de qualquer outra prova.

ART. 72. — A Faculdade de Educação publicará uma “Revista” de cultura geral, sob as vistas da congregação.

ART. 73. — Depois das primeiras nomeações, o provimento das cadeiras se fará pelo mesmo processo determinado para as cadeiras das normaes.

ART. 74. — O Governo contratará, com prazo determinado, profissionaes brasileiros ou estrangeiros, de excepcional competencia, para regerem cadeiras da Faculdade.

## TITULO XIV

### DAS ESCOLAS PROFISSIONAES

ART. 75. — As escolas profissionaes do Estado, masculinas, femininas e mistas, destinam-se ao ensino de artes e officios a alumnos de ambos os sexos, maiores de 12 annos.

ART. 76. — As escolas constarão dos cursos que forem mencionados por occasião de sua organização, dentre os seguintes:

- a) Para as escolas femininas:
- 1) costura e côrte em geral;
  - 2) pintura e decoraçào;
  - 3) rendas e bordados;
  - 4) flôres e trabalhos applicados;
  - 5) chapéos;
  - 6) economia domestica;
  - 7) luvaria e colletaria;
  - 8) arte culinaria em geral;
  - 9) massagistas e enfermeiras;
  - 10) roupas brancas;
  - 11) dactylographia, stenographia e correspondencia commercial.

## b) Para as escolas masculinas:

- 1) ajustagem e torneado;
- 2) ferraria e serralharia em geral;
- 3) fundição e modelagem;
- 4) marcenaria artistica;
- 5) entalhação;
- 6) torneação e lustração;
- 7) pintura e decoração, letras em geral.
- 8) electrotechnica;
- 9) installações sanitarias e funilaria;
- 10) motoristas;
- 11) marmoria em geral;
- 12) escultura em barro e madeira;
- 13) tapeçaria, fição e tecelagem;
- 14) tapeçaria e empalhação;
- 15) zincographia e gravação;
- 16) ourivesaria e relojoaria;
- 17) photographia em geral;
- 18) sellaria e trançagem;
- 19) pedreiros, frentistas e estucadores;
- 20) segearia;
- 21) linotypia mecanica;
- 22) chimica industrial e agricola;
- 23) pesca e construcção de apparatus de pesca;
- 24) douração, nickelagem e afins;
- 25) alfaiataria em geral;
- 26) dactylographia, stenographia e correspondencia commercial.

## c) Para as escolas masculinas e femininas:

- 1) lacticinios e noções de veterinaria;
- 2) photographia;
- 3) contabilidade em geral;
- 4) horticultura e jardinagem;
- 5) avicultura e apicultura;
- 6) barbearia, cabellaria, pedicuria e manicuria.

§ UNICO. — O Governo escolherá, entre estes officios, para cada escola, os que forem mais apropriados ás necessidades da vida operaria e meio industrial onde ella estiver installada.

ART. 77. — As escolas profissionaes terão dois cursos: um theorico, geral e obrigatorio para todas as profissões; outro technico, formado dalgumas das profissões mencionadas no artigo 76.

ART. 78. — O curso theorico constará de: portuguez, desenho profissional, arithmetica e geometria.

ART. 79. — Para o curso feminino será obrigatorio o ensino de economia domestica, especialmente puericultura, hygiene alimentar e o que se relacionar com a boa direcção do lar e formação da dona de casa.

ART. 80. — O curso das escolas profissionaes será de tres annos.

§ UNICO. — Ficam mantidas nas escolas profissionaes masculinas e femininas, cursos nocturnos de aperfeiçoamento industrial, com as materias apropriadas ás necessidades locais.

ART. 81. — O periodo de férias de inverno irá de 11 a 30 de junho.

ART. 82. — O pessoal administrativo e docente das escolas profissionaes, compõe-se de: um director, um auxiliar de director, um professor para cada cadeira do curso theorico, dois mestres de desenho profissional, um mestre para cada anno do curso profissional, um ajudante para cada anno, um porteiro, um guarda-livros, um escriptorio dactylographo e bibliothecario e um lustrador de moveis, e os serventes que forem necessarios; accresce para a escola profissional masculina da Capital, um vigilante e um continuo; e para a escola profissional feminina da Capital, uma mestra geral para confecções e córte e uma inspectora-almoxarife.

ART. 83. — Os professores das escolas profissionaes são de duas categorias: effectivos e contratados.

§ UNICO. — Os professores effectivos são: um de portuguez, um de arithmetica e geometria.

ART. 84. — Nas escolas profissionaes em que houver curso nocturno de aperfeçoamento dos obreiros, ou profissional, o director, o auxiliar do director, o guarda-livros, o escriptorario, os mestres, o porteiro e os serventes terão uma gratificação mensal de 200\$000, 100\$000, 150\$000, 100\$000, 150\$000, 50\$000 e 30\$000, respectivamente, trabalhando no curso nocturno.

ART. 85. — O cargo de director da escola profissional será exercido por professor normalista, que se tenha especializado nesse ramo de ensino, sendo preferidas professoras para as escolas femininas.

ART. 86. — As aulas de portuguez, arithmetica e geometria, serão providas por professores normalistas, já em exercicio na Capital, sendo o curso de desenho e os cursos pratico-technicos providos por concurso, mas sem a exigencia de sêr o candidato diplomado por escola normal.

§ 1.º — Os mestres, as mestrás, os ajudantes e as ajudantes de officinas das escolas profissionaes, serão contratados mediante concurso, e si tiverem dado bons resultados, acompanhado a evolução technica de suas respectivas profissões, a juizo do director, serão depois de 10 annos de trabalho, effectivados e nomeados de accordo com a legislação em vigor para os funcionarios publicos, sem direito á vitaliciedade.

§ 2.º — Para as escolas profissionaes do interior, essas aulas serão providas por professores de escolas urbanas, sendo as outras do curso pratico providas por concurso, mas sem a exigencia de sêr o candidato professor normalista.

ART. 87. — O funcionamento da Escola Profissional Feminina da Capital, em 2 periodos, fica mantido sómente até que as condições do predio permittam o funcionamento integral.

ART. 88. — Os vencimentos do pessoal das escolas profissionaes serão os das tabellas annexas n.ºs. 11 e 12.

## TITULO XV

## DO SEMINARIO DAS EDUCANDAS

*(Seminario da Gloria)*

ART. 89. — A organização do ensino do Seminario das Educandas compor-se-á duma parte geral e duma parte especial.

§ 1.º — Na primeira, obedecerá ao programma dos grupos-escolares, e respectivas exigencias legais, e na segunda, ao do curso da Escola Profissional Feminina, que será adaptado á medida das necessidades e de accordo com a aptidão das alumnas.

§ 2.º — O Seminario das Educandas se destina á instrução profissional de meninas de comprovada pobreza, orphans de pae, pelo menos, e de preferencia, filhas de official ou soldado da força publica do Estado.

§ 3.º — A idade minima para admissão neste estabelecimento será de 7 annos completos.

§ 4.º — Para o Seminario das Educandas, da Capital, serão designadas commissões examinadoras, constituídas por professoras da Escola Profissional Feminina, afim de poderem as recolhidas receber diplomas eguaes aos expedidos por esta escola.

## TITULO XVI

## DAS DISPOSIÇÕES GERAES

ART. 90. — O Governo fará livremente as primeiras nomeações de que trata a presente lei, aproveitando o melhor possível o pessoal já em serviço.

ART. 91. — Ficam extinctas as delegacias de ensino, devendo os seus funcionarios sêr aproveitados livremente pelo Governo na presente refôrma.

ART. 92. — Aos funcionarios da Instrucção Publica com mais de 30 annos de exercicio, o Governo concederá aposentadoria de accordo com o ordenado do cargo que estiverem desempenhando na occasião de a requererem.

ART. 93. — Os funcionarios do ensino, nomeados, promovidos ou que permutarem, terão 20 dias de prazo, a contar da publicação do Decreto no *Diario Official*, para entrarem em exercicio do cargo.

ART. 94. — As férias de inverno serão de 11 a 30 de junho, e as de verão, durante os mezes de dezembro e janeiro, para todos os estabelecimentos de ensino primario.

ART. 95. — Os alumnos nos grupos-escolares, serão classificados em 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno; nas escolas reunidas, em 1.º, 2.º e 3.º.

ART. 96. — O grupo-escolar que tiver 20 ou mais classes, terá ainda um adjunto auxiliar do director.

ART. 97. — O professor da Capital, que desejar, por motivos attendiveis, voltar para qualquer vaga verificada no interior, em qualquer época do anno, poderá requerer remoção, documentando seu pedido.

ART. 98. — Continúa em vigor a legislação estadual sobre o ensino particular, menos o artigo 37, das disposições geraes da Lei n.º 1.750, de 8 de dezembro de 1920.

ART. 99. — O Conselho Geral, em tempo opportuno, codificará as leis esparsas da Instrução Publica, sob as vistas do vice-director geral da Secretaria do Interior.

ART. 100. — Aos funcionarios da Directoria Geral da Instrução Publica, será applicada a disposição do artigo 80 e §§ 1.º, 2.º e 3.º, do Decreto n. 3.855, de 4 do corrente, que reorganiza a Secretaria do Interior.

ART. 101. — Os funcionarios dos estabelecimentos de ensino, cujos vencimentos não estiverem determinados nas tabellas annexas, bem como os professores dos jardins de infancia, escolas-modelo e escolas-modelo isoladas, grupos-escolares, escolas reunidas e escolas isoladas urbanas e ruraes, terão os seus vencimentos accrescidos de 25 %, a partir de 1.º de julho do corrente anno.

§ 1.º — O augmento de que trata este artigo só será computado para o caso de effectivo exercicio, não se integralizando

nos vencimentos para os effeitos de licenças, aposentadorias ou disponibilidades.

§ 2.º — Este augmento de 25 % não se applica aos funcionarios de mais de 30 annos de exercicio já em gozo da quarta parte de seus ordenados; e cessará para os que attingirem esse tempo de exercicio.

§ 3.º — Os professores de escolas complementares, sem exercicio em virtude da respectiva refôrma, ficarão addidos, sujeitos ao ponto diario para o effeito de substituições, com os vencimentos que percebiam até agora, e enquanto não forem aproveitados.

ART. 102. — Os funcionarios do ensino, contratados ou interinos, quer docentes, quer administrativos, terão direito a licença em caso de molestias, observadas em tudo mais as disposições da Lei n.º 1.521.

ART. 103. — Os professores de escolas urbanas da Capital terão um auxilio de 600\$000 annuaes para pagamento de aluguel de sala.

ART. 104. — Os serventes da Instrucção Publica serão empregados de nomeação para os effeitos de direito.

ART. 105. — Os vencimentos dos funcionarios da Instrucção Publica a que se refere esta Lei, são os determinados nas tabellas annexas.

ART. 106. — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, aos 11 de junho de 1925.

a) CARLOS DE CAMPOS.

a) *José Manoel Lobo.*

---

## TABELLA DE VENCIMENTOS N.º 1

## DIRECTORIA GERAL DA INSTUCÇÃO PUBLICA

	Vencimentos annuaes
Director Geral . . . . .	24:000\$000
Inspectores Geraes . . . . .	18:000\$000
Inspectores Especiaes . . . . .	14:400\$000
Inspectores Districtaes da Capital. . . . .	14:400\$000
Inspectores Districtaes do Interior . . . . .	12:000\$000
Director da Secretaria . . . . .	14:400\$000
1.º Escriurario . . . . .	7:800\$000
2.º Escriurario . . . . .	6:480\$000
3.º Escriurario . . . . .	5:040\$000
Porteiro . . . . .	5:040\$000
Continuos . . . . .	3:600\$000
Serventes . . . . .	3:000\$000

## TABELLA N.º 2

## REPARTIÇÃO DO ALMOXARIFADO

Almoxarife . . . . .	14:400\$000
Contador . . . . .	12:000\$000
Stockista . . . . .	8:100\$000
Chefe de expedição . . . . .	6:300\$000
Praticante de expedição . . . . .	4:350\$000
Porteiro . . . . .	3:300\$000
Servente . . . . .	2:670\$000

## TABELLA N.º 3

Director de Grupo-Escolar de 1.ª categoria . . . . .	9:000\$000
Director de Grupo-Escolar de 2.ª categoria . . . . .	8:400\$000
Director de Grupo-Escolar de 3.ª categoria . . . . .	7:800\$000
Director de Grupo-Escolar de 4.ª categoria . . . . .	7:200\$000
Professores de escolas nocturnas urbanas . . . . .	4:390\$000

## TABELLA N.º 4

## ESCOLAS NORMAES E GYMNASIOS

*(Tempo integral)*

Director . . . . .	14:400\$000
Vice-director (para as escolas normaes) . . . . .	10:800\$000
Professora-inspectora . . . . .	8:400\$000
Encarregado do gabinete de Psychologia experimental . . . . .	8:400\$000

*Observação:* — O director e vice-director da Escola Normal do Braz, terão, cada um, mais a gratificação annual, respectivamente de 1:800\$000 e 1:200\$000, paga em duodecimos.

## TABELLA N.º 5

## ESCOLA NORMAL E GYMNASIO DA CAPITAL

*(Tempo integral)*

Director . . . . .	21:600\$000
Vice-director (para as escolas normaes) . . . . .	14:400\$000
Auxiliar de vice-director . . . . .	7:200\$000
Professora-inspectora . . . . .	12:000\$000
Auxiliar de inspectora . . . . .	7:200\$000
Encarregado do gabinete de Psychologia experimental . . . . .	9:600\$000
Auxiliar de aulas de modelagem . . . . .	5:400\$000
Auxiliar de aulas de marcenaria . . . . .	4:800\$000

## TABELLA N.º 6

## JARDIM DA INFANCIA

*(Tempo integral)*

Inspectora . . . . .	12:000\$000
Auxiliar . . . . .	9:600\$000

## TABELLA N.º 7

Professor de escola complementar . . . . .	8:400\$000
--	------------

## TABELLA N.º 8

## ESCOLAS NORMAES E GYMNASIOS

Por doze aulas semanaes ordinarias — Lente . . . . .	12:000\$000
Cada aula extraordinaria (que exceder de doze) . . . . .	:
<i>gratificação pró labore</i> . . . . .	10\$000
Professor de desenho . . . . .	7:200\$000
Professor de musica . . . . .	7:200\$000
Professor de trabalhos manuaes . . . . .	7:200\$000
Auxiliar de trabalhos manuaes . . . . .	4:800\$000
Professor de gymnastica . . . . .	7:200\$000

## TABELLA N.º 9

## ESCOLAS NORMAES E GYMNASIO DA CAPITAL

Por doze aulas semanaes ordinarias — Lente . . . . .	14:400\$000
Cada aula extraordinaria (que exceder de doze) . . . . .	:
<i>gratificação pró labore</i> . . . . .	10\$000
Professor de desenho . . . . .	14:400\$000
Professor de musica . . . . .	14:400\$000
Professor de trabalhos manuaes . . . . .	9:600\$000
Professor de gymnastica . . . . .	9:600\$000
Jardineiro (chefe) . . . . .	4:200\$000
Jardineiro (auxiliar) . . . . .	3:600\$000

*Observação:* — Quando se vagarem na Escola Normal da Capital os cargos de professores de desenho e musica, os professores contratados para a sua regencia perceberão os vencimentos annuaes de 9:600\$000.

## TABELLA N.º 10

## ESCOLAS NORMAES

Taxas de matrícula annuaes, pagas em duas prestações:

Para o ensino complementar . . . . .	100\$000
Para o ensino normal . . . . .	120\$000
Para o ensino superior . . . . .	300\$000

## TABELLA N.º 11

## ESCOLA PROFISSIONAL\* MASCULINA

*(Tempo integral)*

	Capital	Interior
Director . . . . .	14:400\$000	12:000\$000
Auxiliar de director . . . . .	10:200\$000	9:000\$000
Guarda-livros . . . . .	6:000\$000	5:400\$000
Forneiro . . . . .	2:640\$000	2:640\$000
Professores . . . . .	5:760\$000	5:760\$000
Mestre mecanico . . . . .	9:000\$000	7:200\$000
Mestre mecanico auxiliar . . . . .	7:200\$000	6:000\$000
Mestre marceneiro . . . . .	9:000\$000	6:000\$000
Mestre marceneiro auxiliar . . . . .	7:200\$000	6:000\$000
Mestre pintor . . . . .	7:200\$000	6:000\$000
Mestre pintor auxiliar . . . . .	6:000\$000	5:400\$000
Mestre ferreiro . . . . .	7:200\$000	6:000\$000
Mestre entalhador . . . . .	7:200\$000	6:000\$000
Mestre escultor . . . . .	5:760\$000	5:760\$000
Mestre de desenho . . . . .	5:760\$000	5:760\$000
Mestre fundidor . . . . .	7:200\$000	6:000\$000
Mestre torneiro em madeira . . . . .	6:000\$000	5:400\$000
Lustrador . . . . .	5:040\$000	3:600\$000
Ajudante . . . . .	5:040\$000	4:260\$000
Continuo . . . . .	3:600\$000	:
Vigilante . . . . .	5:040\$000	4:260\$000

## TABELLA N.º 12

## ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA

	Capital	Interior
Director . . . . .	14:400\$000	12:000\$000
Auxiliar de director . . . . .	9:600\$000	8:400\$000
Guarda-livros . . . . .	6:000\$000	5:400\$000
Professores . . . . .	5:760\$000	5:760\$000
Mestra geral para confecção e cõrte . . . . .	8:400\$000	

Mestras . . . . .	5:760\$000	5:760\$000
Ajudantes de officina . . . . .	4:260\$000	4:260\$000
Inspectora-almoxarife . . . . .	7:200\$000	:

*Nota:* — Para a Escola Feminina da Capital, no caso em que haja duas turmas de mestras e ajudantes de officina, serão mantidos os actuaes vencimentos, e, logo que essa Escola passe a funcionar com tempo integral, esses vencimentos terão o accrescimo de 25 %, de accordo com o art. 101 e seus paragraphos.

## DIARIA MAXIMA DOS ALUMNOS

1.º anno, 1\$000; 2.º anno, 1\$500; 3.º anno, 2\$000.

## TABELLA N.º 13

## ESCOLAS MATERNAES E CRÉCHE

Directora . . . . .	9:000\$000
Sub-directora . . . . .	7:200\$000
Professoras . . . . .	6:600\$000
Auxiliar de professoras . . . . .	3:000\$000
Guardiã . . . . .	2:400\$000
Auxiliar (para crèche) . . . . .	2:400\$000
Cozinheiras . . . . .	1:800\$000
Copeira-despenseira . . . . .	1:800\$000

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, aos 11 de junho de 1925.

a) CARLOS DE CAMPOS.

a) José Manoel Lobo.

Publicado na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, em 11 de junho de 1925. — João Chrysostomo B. R. Junior, Director Geral.

Na petição da professora D. Catharina Lefcadito foi exarado o seguinte despacho:

D. Catharina Lefcadito — professora em Descalvado, pedindo 2 mezes de licença. — De accordo com a informação. A lei comette á autoridade escolar sómente o encargo de verificar pessoalmente o acto material de estar ou não de cama — na data indicada para inicio declarado — faltando-lhe, pois, competencia para dizer da natureza da molestia e prazo provavel para a cura. Concedo, pois, a licença requerida, á vista do attestado.

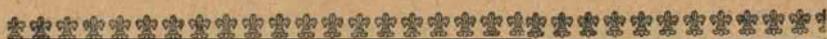
Ao requerimentõ do Sr. Galdino Lopes Chaves foi dado o seguinte despacho:

Galdino Lopes Chaves.— Si o professor em questão está insano, recolhido ao Hospital de Juquery, deve elle estar interdito, de accordo com o Direito Civil. E, sendo interdito, compete ao curador nomeado pelo juiz de ausentes a gestão dos seus negocios. A elle, portanto, cabe receber os vencimentos do referido professor, cumpridas as formalidades exigidas em casos taes, pelo Thesouro do Estado. Providencie o supplicante de accordo com o parecer supra.

A Secretaria do Interior officiou nos seguintes termos ao director do grupo “Coronel Vaz,” de Jaboticabal, em resposta á sua consulta sob n. 120: — “Sendo de dez o numero de mezes lectivos no anno e, de accordo com o art. 41 do decreto n. 3.858, de 11 de junho ultimo, podendo o professor dar “até tres” faltas justificadas por mez, segue-se que o numero de faltas justificaveis ao anno é de trinta. Quanto ás demais disposições leaes não contrariadas pela recente refórma, continuam em vigor, de accordo com o art. 106, do referido decreto. Para mais elucidar-vos, transcrevo a seguir um trecho sobre o assumpto, tirado da mensagem presidencial de 14 de julho p. passado: “As retiradas de adjuntos ou de quaesquer outros professores, antes, durante ou depois do recreio, para se evitarem abusos, são

completamente abolidas. Em compensação, o professor poderá dar 30 faltas justificadas, durante o anno, sendo 3 em cada mez."

O Sr. Dr. Secretario do Interior deu o seguinte despacho ao requerimento dos Srs. Irineu Lopes de Lima e de D. Maria de Lourdes Damasio, substitutos effectivos do grupo-escolar de Itatiba, pedindo pagamento do "pró-labore" de emergencia de 25% perdidos pelos adjuntos substituidos: — "Os supplicantes não têm direito á gratificação requerida em virtude da substituição, que continua subordinada ao principio geral: "o substituto percebe em virtude dos descontos legaes." A materia é regulada harmonicamente pelo artigo 24 da lei n. 1.750 e artigo 7.º, paragrapho 1.º, da lei n. 1.521 de 1916. Os descontos a que esta ultima se refere, recaem sobre os vencimentos da tabella. Estes ultimos é que servem de base para o calculo das substituições. Ora, a gratificação de emergencia não figura na tabella e não faz parte de determinação legal expressa. Nesses termos não pôdem os supplicantes sêr attendidos. O caso das substituições continua a sêr regulado pelos artigos citados das leis n. 1.521, de 1.916, e n. 1.750, de 1.920."



## INDICE

	PAG.
A "REVISTA ESCOLAR" . . . . .	1
LIÇÕES PRATICAS:	
Linguagem . . . . .	3
Arithmetica . . . . .	6
Geographia . . . . .	8
Hygiene . . . . .	11
Anatomia . . . . .	13
Systema-metrico . . . . .	15
Zoologia . . . . .	17
Physica . . . . .	19
Botanica . . . . .	22
Cosmographia . . . . .	24
PÊDOLOGIA:	
A imaginação e suas variedades na criança . . . . .	27
Escala-metrica da intelligencia . . . . .	29
LIÇÕES DE COISAS:	
A perola . . . . .	33
O tomate . . . . .	34
O espelho . . . . .	36
A louça . . . . .	38
Meios de comunicação por terra, por mar, pelos rios e pelo ar . . . . .	40
Alfinetes . . . . .	42
Pedra-pomes . . . . .	43
A penna . . . . .	45
Ninhos . . . . .	46
O fio de prumo . . . . .	39
QUESTÕES GERAES:	
Assistencia á infancia . . . . .	51
Preparação da classe . . . . .	54
LITERATURA INFANTIL:	
Felicidade . . . . .	57
Um conselho . . . . .	58
O jardim da vovó . . . . .	60
Eu . . . . .	62
O milho roubado . . . . .	63
O ganso ambicioso . . . . .	64
O que me disse um passarniho . . . . .	66

A casa que elles fizeram . . . . .	87
O que me contou um rio . . . . .	88
Minha terra . . . . .	70
METHODOLOGIA:	
Processo educativo . . . . .	73
VULTOS E FACTOS:	
Dr. Vital Brasil . . . . .	76
MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:	
As estações da vida . . . . .	79
PAGINA DA CRIANÇA:	
Exercicios de raciocinio . . . . .	82
EDUCAÇÃO PHYSICA:	
Jógos escolares . . . . .	84
NOTICIAS:	
Arnaldo Barreto . . . . .	86
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos . . . . .	87





---

S. PAULO  
TYPOGRAPHIA SIQUEIRA  
Rua Libero Badaró, 48  
1925

---

